

SULEYMAN RAPHAEL

O SENHOR DAS 3 ENERGIAS



ENSINAMENTOS DE MATHETÉS GURCO,
HOMEM DE ATENÇÃO

BRITISH MUSEUM

O
SENHOR
DAS

3

ENERGIAS



Publicado em 18 de Setembro de 1900,
II. edição de 1900
Por J. P. de Almeida

THE AUTHOR
LONDON
PRINTED BY
1900

Suleyman Raphael

O
SENHOR
DAS
3
ENERGIAS

Ensinaamentos de Mathetés Gurco,
Homem de Atenção

Editora Esoatenca

S. Paulo - Brasil
1991

Obras de Suleyman Raphael:

ARQUEIROS DA LUZ

DIÁLOGOS COM UM HOMEM DE ATENÇÃO

JOGO DO TRIÂNGULO MÁGICO (Baralho com 45

Aforismos)

ÍNDICE

Introdução	9
1 - A arte da luta sem luta	17
2 - Visita ao topo do mundo	31
3 - As três cores da morte	47
4 - A caixa mágica	65
5 - Mundos paralelos	85
6 - Meu segundo nascimento	107
7 - No umbral do vazio	125
Posfácio:	
Um breve pedaço de História e Semântica	157

© Copyright 1991 Suleyman Raphael

Idealização da capa - *Suleyman Raphael*
Desenho da capa - *Rafael Rocha*
Revisão de texto - *Vita P. Mesniks*
Fotocomposição - *Typelaser Desenvolvimento Editorial Ltda.*
Produção Gráfica - *Ricardo Antunes Araujo*
Impressão - *DBA Artes Gráficas Ltda.*

Pedidos por Reembolso Postal:
Editora Esoanteca
Caixa Postal 60.010
CEP 05096
ISBN—85-85429-01-1

ÍNDICE

Introdução	9
1 - A arte da luta sem luta	17
2 - Visita ao topo do mundo	31
3 - As três cores da morte	47
4 - A caixa mágica	65
5 - Mundos paralelos	85
6 - Meu segundo nascimento	107
7 - No umbral do vazio	125
Posfácio:	
Um breve pedaço de História e Semântica	157

© Copyright 1991 Suleyman Raphael

Idealização da capa - *Suleyman Raphael*
Desenho da capa - *Rafael Rocha*
Revisão de texto - *Vita P. Mesniks*
Fotocomposição - *Typelaser Desenvolvimento Editorial Ltda.*
Produção Gráfica - *Ricardo Antunes Araujo*
Impressão - *DBA Artes Gráficas Ltda.*

Pedidos por Reembolso Postal:

Editora Esoanteca
Caixa Postal 60.010
CEP 05096
ISBN—85-85429-01-1

INDICE

Introdução

Agradecimentos à infatigável companheira
Polymnia, por sua ajuda na busca de uma
linguagem literária mais justa.

Introdução

Em 1985, após um encontro aparentemente casual, minha vida sofreu uma mudança definitiva. Estava tomando café em um bar de esquina na Rua Augusta, em São Paulo, quando Mathetés Gurco me encontrou.* É claro que eu estava preparado para esse encontro e, num certo sentido, o atraí. Entretanto, tocou-me profundamente a forma mágica como ocorreu. Nesse dia aceitei seu convite, no qual senti o “perfume de um outro mundo”.

Começamos a encontrar-nos regularmente e fui conhecendo alguns de seus métodos de trabalho interior. Sujeitei-me de bom grado às mais variadas experiências, sempre guiado pelo bom senso do conhecedor, do mestre. O mundo interno passou a revelar-se e sua magia abriu-se para o aprendiz. Considero-me ainda no início dessa magnífica arte. Mathetés logo começou a mostrar-me teórica e praticamente que vivemos em dois mundos: o do homem comum, anestesiado, encantado com seu dia-a-dia e acreditando que sua vida é a realidade última de sua existência. Não percebe o quanto ela é vazia de sentido real. Crê piamente em todos os valores inculcados desde a infância por educadores também anestesiados e não se questiona quanto

*Vide “Diálogos com um Homem de Atenção” do mesmo autor.

à finalidade de sua existência no planeta. O segundo é o do Homem de Atenção: mundo da força, do poder, da compaixão, da plenitude, da conquista de si mesmo, da paz, da compreensão. É inacessível para o homem comum, dele separado por uma fina, mas quase intransponível barreira formada por suas concepções. Precisamos de chaves para abrir as portas desse mundo e estas nos são fornecidas por um Homem de Atenção, através de exercícios e demonstrações práticas. Exige um empenho sem reservas do aprendiz, que trabalha seu mental, seu corpo e suas emoções. Nada mais nobre do que esse ideal para um mundo tão sem ideais.

Mathetés nos traz uma nova visão da realidade. Nossa mente vive cheia de conceitos, imaginações e palavras que chamamos de “eu”. É necessário esvaziá-la. Nosso corpo tenso e com má postura sofre a ação de todos os erros e incompreensões da sociedade, que perdeu o sentido de corpo como instrumento de manifestação do mais Alto. Usa-se o corpo apenas para a expressão de nossa imensa vaidade — urge descontraí-lo. O universo das emoções é o do medo, da agressividade e do amor dependente. Nossa incompreensão dele é a mais total: que a paz conceda em transformá-lo. O caminho do Homem de Atenção, portanto, é o caminho do praticar constante. O mundo torna-se um grande ginásio, onde nossos músculos internos começam a se ativar.

Um dia, Mathetés procurou-me com um desafio novo: colocar em livro algumas das experiências vividas nesses anos de relacionamento. Acrescentou ainda uma dificuldade: o livro deveria ser palatável, mesmo para uma pessoa que desconhecesse o significado da expres-

são “trabalho interior”. Excetuando alguns caminhos reais e extremamente sérios, muito se fala sobre esoterismo; nunca esteve tão em moda ser “bruxo” ou “energizado por forças do além”. A estultice chegou definitivamente às portas do mais sagrado no homem: seu mundo interior.

Este é o resultado do desafio. Os sete capítulos seguintes são fruto de vivências ocorridas não necessariamente nessa ordem. A aventura interior apresenta uma grande dificuldade de expressão exterior e poucos se atrevem a falar diretamente dela. Expressá-la quase sempre a desvirtua. Nossa linguagem coloquial não se adapta à sua incomensurável riqueza. Em todas as vivências, o mágico esteve presente lado a lado com as explicações de Mathetés, verdadeiras pérolas de observação, tanto do mundo exterior quanto do interior. Tentei colocar-me sempre da forma mais humilde que encontrei para servir ao instrutor. Minha presunção e auto-importância constituíram-se num obstáculo muito grande; ao longo dos anos, porém, foram trabalhadas e transformadas. Hoje posso colocar-me a serviço de um objetivo mais alto.

Com relação a Mathetés, pouco se sabe de sua vida pessoal, pois ele expressamente “apagou” seus conteúdos. Quando cita algum fato pessoal, é apenas para ilustrar facetas de seu ensinamento. Conforme diz: “Para não ter um passado, trabalhe o momento presente, pois este é o futuro disfarçado”. Sua aparência é a de um homem de meia-idade, energético e ágil. Seu olhar revela uma profundidade e um silêncio insondáveis. Acredito que tenha nascido em São Paulo. Viajou por todos os continentes em busca do conhecimento real de si mesmo e do mundo, até tornar-se um elo fun-

damental na corrente de transmissão do caminho do Homem de Atenção. Através dele, relacionei-me de uma forma nova com a velha cidade de São Paulo, não tendo sentido necessidade de buscar ensinamento em Calcutá, Nova Delhi, Tóquio, Paris ou Nova Iorque. As experiências que vivemos juntos em diferentes pontos desta cidade, para muitos infernal, tornaram-na sagrada para mim. Certamente assim seria com qualquer cidade nas mesmas circunstâncias.

Em nosso relacionamento, não utilizo a palavra “mestre”, pois Mathetés se ri dela; considera-a vetusta, morbidamente séria e definitiva demais. Prefere “amigo interior”, ou simplesmente “instrutor”. O humor permeia todo o seu ensinamento. Ele é sério sem sisudez. Um de seus aforismos favoritos é o seguinte: “Nada te pega quando você consegue rir de si mesmo na hora certa”.

Procurei dar pouca ênfase às descrições: deixei apenas detalhes essenciais da experiência interior que, por expressar-se por símbolos, é de tão difícil compreensão. Uma das vertentes do ensinamento de Mathetés é fazer-nos compreender o mundo simbólico, legado da mais remota antiguidade, da noite dos tempos. Homens de Atenção do passado descobriram que se podia passar todo o conhecimento real, essencial da raça humana, através de símbolos. A leitura do símbolo está intimamente associada ao crescimento interior; uma leitura apenas intelectual não acarretará mudança alguma na vida do aprendiz, nossa meta principal.

Utilizei a chamada “linguagem crepuscular”, em que se fala de dois mundos ao mesmo tempo, em que os acontecimentos ocorrem simultaneamente em dois níveis. A realidade não é bem aquilo que aparenta. Esse

é o próprio jogo da vida e o simbólico o imita. Quando crescemos interiormente, o mundo e o Universo são símbolos que nos falam: uma árvore, um rio, uma cidade, a mata, um animal, o deserto, o mar, as estrelas, tudo é vivo e não é diferente de nós, está dentro de nós.

O Homem de Atenção pauta sua vida pelos quatro preceitos da Esfinge:

saber

ousar

querer

silenciar

e sabe ousar, sabe querer e sabe silenciar;

ousa saber, ousa querer e ousa silenciar;

quer saber, quer ousar e quer silenciar;

e silencia sobre seu saber, sobre os objetivos de sua audácia e sobre sua vontade.

A Arte da Luta sem Luta

Esta obra é uma contribuição para a luta da classe trabalhadora por uma sociedade mais justa e mais humana. Ela trata da luta sem luta, ou seja, da luta que se dá através da cultura, da arte, da música, da dança, do teatro, do cinema, da televisão, da rádio, da imprensa, da educação, da saúde, da habitação, do trabalho, do consumo, da participação política, da organização comunitária, da luta sindical, da luta por direitos civis, da luta por direitos políticos, da luta por direitos econômicos, da luta por direitos sociais, da luta por direitos ambientais, da luta por direitos humanos, da luta por direitos de gênero, da luta por direitos de orientação sexual, da luta por direitos de pessoas com deficiência, da luta por direitos de idosos, da luta por direitos de crianças e adolescentes, da luta por direitos de mulheres, da luta por direitos de homens, da luta por direitos de pessoas transgênero, da luta por direitos de pessoas LGBTQIAP+, da luta por direitos de pessoas de todas as cores, de todas as religiões, de todas as nacionalidades, de todas as idades, de todas as capacidades, de todas as formas de vida.

*M*athetés costumava marcar diferentes locais e horários para nossos encontros. Raramente repetia o lugar quando queria fazer-nos viver certas experiências na ação, ou *a quente*, como dizia. Sendo eu um típico habitante da zona sul de São Paulo — e certamente para quebrar essa característica — escolherei desta vez um determinado ponto do Parque D. Pedro, às 23h30, horário um tanto inusitado para o local. Estranhei de início, mas acabei concordando, pois sabia que se quisesse aprender qualquer coisa com esse homem, teria que vencer algumas de minhas resistências. Ademais, inúmeras vezes Mathetés havia dado provas de que sabia exatamente o que fazia e por que o fazia. Com ele, nada era habitual; qualquer gesto era sempre novo e fazia-me perceber uma imensidão de significados em cada ato. O simples viver transformava-se em um ato criativo. A seu lado, era difícil ter um momento sequer de tédio; ele não o permitia e sabia manejar, tanto em mim quanto nos outros, as emoções e pensamentos que nos assaltam constantemente e não nos permitem entrar em contato direto e habilidoso com os acontecimentos à nossa volta e dentro de nós.

Cheguei um pouco antes do horário combinado e fiquei observando os tipos que por ali circulavam. Uma estranha sensação de medo começou a aparecer em mim. Pensamentos sobre um possível assalto me inva-

diam e, em minha imaginação, cada pessoa que passava representava uma ameaça física. Olhei apreensivamente o relógio. Passava um pouco das 23h30. Por que Mathetés não chegava? Por que marcara encontro neste lugar? Por que não em outro, com bastante gente e muita luz? Por que não...

De repente avistei, uns cem metros à minha frente, sua figura ereta e imponente, andando despreocupadamente, com um passo cadenciado e tranqüilo. Essa impressão tocou-me fundo e uma calma agradável tomou conta de mim; senti-me protegido, como uma criança que se perde na multidão e subitamente encontra o pai. Continuei observando seu andar. Tinha a firmeza e a solidez de um touro de raça, embora tivesse também algo de leve, elegante, quase aquilino, pronto para voar. Não havia medo, nem esse quase que pedir desculpas, característica do andar do homem contemporâneo, sem contato direto com sua raiz básica e que tropeça constantemente em si mesmo. Havia uma positividade aguda, leonina, de quem nada tem para esconder e para quem o futuro será uma consequência natural de seu estado de presença agora. Seu olhar era distanciados dos outros e de todos os objetos à sua volta, mas dava a nítida impressão de que nada lhe escapava.

— Por que esse medo todo até me avistar? — perguntou aproximando-se.

Por experiências anteriores, sabia que não adiantava mentir para Mathetés. O som de minha voz denunciaria qualquer falsidade e, por isso, o diálogo com ele era um constante e profundo exercício de expressão da verdade. Essa expressão era estimulada pelo fato de eu saber que ele conhecia tudo o que se passava no meu

íntimo, até os pensamentos e temores mais secretos. Portanto, de nada serviria tentar esconder-me.

— Estava com receio das pessoas que por aqui circulam e também do avançado da noite — respondi.

— Saia do carro — disse ele — deixe essa proteção, vamos dar uma volta a pé pelo parque.

— Mas, a esta hora? — perguntei obedecendo.

— Nada de mas... vamos embora. Não deixe que o medo prenda e amarre seus atos. Saiba conviver com ele e, ao mesmo tempo, aja livremente.

— Quer dizer que não devo ter medo?

— Eu não disse isso. O medo existe. É uma força real e viva em você. O que está errado é sua interpretação dele. O Homem de Atenção aprende a conviver, a avaliar e a não se deixar levar pelo medo. Dessa forma, pode transformá-lo em seu benefício e não permitir que seja mais uma fonte de destruição dentro e fora de si. O homem anestesiado vive imerso em seus receios e apreensões e todas as suas ações têm como impulso inicial esse aperto amarrado, dobrado e incompreendido no meio do peito.

— Quem é o homem anestesiado? — perguntei.

— Como o próprio nome diz, é aquele que não reconhece, não percebe e não sente nada em si mesmo. É o homem comum da rua, o homem de todos os dias, o professor, o trabalhador, a dona de casa, o profissional liberal e todos os seres humanos, enquanto não se dão conta de que são algo muito mais amplo do que aquilo que pensam ser. É aquele que nunca, ou raramente, apareceu dentro de si mesmo. Não sabe e não percebe que é extra-terreno.

— Então somos todos E.Ts.? — perguntei seriamente.

— Lá vem você com essa fantasia de Hollywood na cabeça — respondeu rindo. — O que quero dizer é que o que nos anima, o nosso âmago, não pertence e não vem da Terra, como o nosso corpo físico, mas de um plano muito mais alto do Universo; daí nossa chance de crescimento interior. Agora, tranque o carro e vamos caminhar.

Assim que tranquei o carro, reparei que Mathetés ostentava uma vistosa corrente de ouro no pescoço. Aquilo pareceu-me um despropósito, primeiro porque o local não recomendava o uso de qualquer objeto valioso e segundo, porque Mathetés não parecia sujeito a esse tipo de vaidade. Observei que era perigoso andarmos por aquela parte erma do parque, ainda mais com aquela jóia tão à mostra. Pedi que me calasse e caminhasse em silêncio, fora e dentro, e prestasse Atenção à sensação do toque dos meus pés no chão. Essa era uma prática, entre muitas outras, às quais nos submetia com frequência.

Após vários minutos desse andar atento, percebi-me pleno de uma energia radiante e luminosa. Sentia-me inteiro: era uma só vibração, da ponta dos cabelos até os dedos dos pés. A vida me preenchia. Não havia uma só parte de mim que não estivesse iluminada. Não sentia desejo de perguntar ou falar mais. O local pelo qual passávamos, antes incolor, inosso e feio, tornara-se encantador. Tudo chegava a mim diretamente. Os sons eram vibrações que vinham de fora e me atravessavam, não deixando nenhum rastro, nenhuma poeira. Pensamentos cruzavam meu espaço interior, mas não eram meus. Eram frases feitas, vindas do passado, gravações armazenadas em algum recanto de minha mente,

que entravam e saíam e não pareciam de minha propriedade, podiam estar em qualquer outro mental que não o meu. Sentia-me livre. Era um espaço amplo, gostoso, que abarcava tudo. Percebi, bem no meio desse espaço, algo como uma cócega, que identifiquei como antigos temores e preocupações querendo vir à tona. As emoções também não eram minhas; faziam parte de um grande emocional universal do qual eu não tinha posse. Eu era o céu calmo, tranqüilo, amplo e envolvente e, simultaneamente, percebia os diferentes níveis que se manifestavam e desciam desse céu. Escutei um som estranho, musical, com entonações que de imediato não reconheci. Aos poucos, meu mental identificou a voz de Mathetés, vinda de muito longe, começando a me puxar. Entrei como que em um tubo de aspirador e fui tragado para baixo. Desci vertiginosamente, mas, de repente, achava-me novamente no que chamo habitualmente de realidade, que nada mais é que um sonho acordado. Mathetés caminhava a meu lado.

— Toque o Céu, mas não perca o contato com a Terra. O Homem de Atenção vive todos os níveis de si mesmo, concomitantemente. Nada deve ser excluído. Somos como uma árvore que busca o espaço e o sol, através da expansão de seus ramos, galhos, flores e frutos e, ao mesmo tempo, afunda-se na terra com suas raízes, dela retirando o que lhe é necessário. Dessa forma, faz-se a verdadeira ligação entre o Céu e a Terra e cumprimos nossa função de pontífices.

Apesar de aparentemente nada ter mudado e continuarmos andando, tudo estava diferente; a magia do momento se perdera e eu me afundara, sem saber como, na desesperança. Começava a questionar por que

Mathetés me tirara do extraordinário estado em que estivera e a validade de estarmos ali, já passando da meia-noite.

— Psiu! silêncio — disse Mathetés com uma voz rápida e precisa. — Não pense e, haja o que houver, aconteça o que acontecer, não perca o fio da Atenção. Não faça nada e procure observar todos os meus atos. Não tire os olhos de mim. O show é para você.

— O que vai acontecer? — perguntei aflito, pressentindo algo importante.

Mal acabara de formular a pergunta, levei um tranco nas costas que me projetou longe, por cima da grama, e senti-me preso ao solo. Um homem forte, mal-encarado, segurava-me com os joelhos e apontava um punhal para meu pescoço. Ordenou que não me mexesse e vasculhou meus bolsos à procura de valores. Encontrou um pouco de dinheiro e desprezou o relógio pouco valioso, soltando uma imprecação. Estateado no chão, em total abandono, lembrei-me da instrução de Mathetés e o susto inicial dissipou-se de imediato, magicamente. Movi a cabeça uns milímetros e, com os olhos, procurei-o. Para minha surpresa, havia o companheiro do assaltante, um negro alto e corpulento, que tentava pegar a corrente de ouro. O que vi era, no mínimo, insólito: o negro, também armado de punhal, como que dançava com Mathetés, sem conseguir tocá-lo. Para meu espanto ainda maior, havia um esboço de sorriso e de divertimento na face de Mathetés. Ao contrário de mim, dominava a situação com maestria, aparentemente sem nada fazer. O negro despendia um enorme esforço e suava em bicas, demonstrando extremo nervosismo. O mal-encarado, ainda sobre mim, gritava freneticamente para o outro apressar-

se e acabar logo com aquilo. Sem entender por que o companheiro não conseguia se apossar da corrente, e como eu não esboçasse a menor resistência, largou-me e juntou-se a ele.

Fiquei livre para observar melhor a cena. Começou, então, um balé a três. Os dois tentavam pegar a presa de qualquer maneira, mas esta não se deixava apanhar. Com agilidade, Mathetés driblava todos os ataques, sem esforço, como alguém brincando de pega-pega com uma criança. Estranha cena essa: de um lado eu, parado, sem tentar e sem saber como ajudá-lo; do outro, ele, travando uma luta de vida ou morte. Reparei que o mal-encarado começava a apresentar sinais de cansaço. Era como se Mathetés aproveitasse a força destes homens e os toureasse cada vez melhor. Parecia uma montanha em que duas borboletas tentavam pousar, sem sucesso. De súbito, parou de se movimentar, provocando também a parada dos meliantes e sibilou calmamente:

— O jogo agora terminou.

Baixou lentamente os braços, que movimentara sem cessar durante a luta, e imobilizou-se definitivamente. Por alguns instantes fitou os homens, que não conseguiam se mover. Vi o medo e a hesitação em seus rostos. Seus corpos não respondiam, pareciam magnetizados pela força sem força do oponente imóvel. Um brilho intenso emanava de Mathetés e raios de luz pareciam envolvê-lo. Eu agradecia a Deus pelo privilégio de estar presenciando essa cena. Lágrimas rolavam-me pela face, talvez pelo esforço de manter-me atento. Os três continuavam inertes, paralisados. De repente, dois gritos simultâneos de pavor e de impotência cortaram o silêncio. Os atacantes largaram as armas,

juntaram suas últimas forças e correram parque adentro, desaparecendo na escuridão. Teatralmente, fingindo limpar um pó imaginário de suas vestes, Mathetés falou com simpatia:

— Bons rapazes esses, quase lhes dei a corrente de presente, como prêmio por seu esforço. Eles a mereciam. Pena não terem agüentado um pouco mais. Este encontro, com certeza, mudará suas vidas para melhor.

Recolheu os punhais deixados pelos assaltantes e fez sinal para caminharmos em direção ao carro.

— Conte-me o que você viu — ordenou.

Disse-lhe que me lembrara o tempo todo de sua instrução, que não perdera por um instante sequer o fio da Atenção e descrevi com detalhes o que presenciara.

— Você viu apenas parte deste cenário montado exclusivamente para você — disse ele.

— O senhor quer dizer que tudo isso foi feito de propósito? Os homens eram seus contratados?

— Não seja tolo, é claro que não. Nunca vi essas caras antes. Havia uma intenção de que a cena ocorresse. A corrente foi a isca. Quanto ao resto, aconteceu por si. Agora, trate de compreender o que se passou e pergunte-me sobre o que não entendeu.

A primeira coisa que mencionei foi o susto ao me sentir jogado e preso ao chão.

— Apesar de naquele momento você se encontrar num estado de Atenção alerta, o oponente conseguiu, através da técnica do susto e da surpresa, lançá-lo, por alguns segundos, em um estado de confusão interna: seu mental, suas emoções e suas forças biológicas

misturaram-se caoticamente. É nesse sentido que os antigos buscadores diziam que não existe o inimigo fora; ele está dentro de você e é com ele a luta.

— Mas eu não sei lutar — disse eu.

— Não estamos aqui para aprender a lutar. Estamos aqui para você aprender a se instalar em um estado profundo e simples, acima de seus três centros energéticos básicos — mental, emoção e corpo — e, a partir daí, deixar que se harmonizem naturalmente.

— Isso é possível? — perguntei.

— De certa forma, você já o conseguiu, quando, passado o primeiro momento, lembrou-se de minha instrução. Foi o que salvou sua vida. Como você não perdeu o fio da Atenção, conseguiu desgrudar-se de sua segurança. Conseqüentemente, o agressor não sentiu reação a seus atos e estes passaram a ser influenciados pelo seu desapego. Quando não há reação, quando há calma interior, não há inimigo. O inimigo surge quando *você* aparece, pois é uma projeção de sua confusão.

Colocações desse tipo deixavam-me boquiaberto. Encantava-me a riqueza de suas observações e novamente eu dava graças aos céus por ter alguém como Mathetés a meu lado, abrindo meu mundo interior, fechado e confuso, e permitindo que nele jorrasse luz.

— O que era aquela dança entre o senhor e o negro? — perguntei.

— É a arte da luta sem luta — respondeu.

— Como luta sem luta?

— Você chega ao cume da arte de lutar, quando não luta mais. Enquanto você se debate para ganhar e der-

rotar alguém, está sob o domínio de seu ego, que é o velho em você. Eu apenas não opus resistência à força destruidora do meu oponente. Nada havia para ele destruir e, por mais que tentasse, não me alcançaria. Meu corpo movia-se sozinho, com sua inteligência própria, a partir do olhar do Eu calmo e profundo, e dançava exatamente de acordo com a situação. Não há poder no mundo que possa nos atingir quando alcançamos esse estado. O mundo dança à nossa volta, somos o centro do Universo. Por outro lado, ele se auto-destruía e exauria, sua agressão voltava-se contra si mesmo. Estava em luta consigo próprio.

— Isso é alguma técnica? — perguntei.

— Não, isso é transcender a técnica. Em qualquer atividade humana, toda técnica, por melhor que seja, não ultrapassa um certo ponto e sua superação depende da força de sua juventude e de seu preparo físico. Quando você fica velho e sua força se dissipa, você já era. Repito, isto acontece em todos os campos, não se atenha apenas à luta. Transcender a técnica significa tocar aquilo em você que é sempre novo, que sempre se renova, que é a fonte da eterna juventude, de onde todos os atos podem originar-se criativa e não repetitivamente. Minha dança era uma manifestação dessa verdade.

— Por que, após tê-los esgotado, o senhor ficou inerte?

— Volto a repetir, não esgotei ninguém. Eles se exauriram por si mesmos. Meu estado de não fazer os tocou. Gritaram e fugiram porque viram o aparecimento do próprio demônio.

— Que demônio? — perguntei.

— Na fina transparência na qual me encontrava, eu era como um espelho em que viram refletida a imagem do que encarnavam naquele momento. Não agüentaram, a fuga era a única solução. Souberam instintivamente que se me atacassem novamente, morreriam vítimas de suas próprias armas. Simples, não?

— Não vejo nada de simples nisso — retruquei.

— É simples, desde que você compreenda, como ponto essencial, este constante retorno a uma região de calma profunda. A partir dela, todos os seus atos serão criativos e de acordo com a situação que, como você sabe, muda necessariamente a cada instante.

— O que eram aquele brilho e aqueles raios que vi, ou imaginei ter visto, emanando do senhor?

— Você não imaginou, em absoluto. Houve um momento em que viu a realidade por trás da aparência. Enquanto somos apenas homens anestesiados e não nos alçamos à condição de Homens de Atenção, enxergamos apenas o concreto e, assim mesmo, nebulosamente. Nosso corpo físico, por exemplo, é o concreto, mas não percebemos que é apenas a ponta visível de um imenso processo invisível, que o dirige e movimenta. Todos os processos internos, sejam mentais, emocionais, desejos ou apetites sexuais são normalmente invisíveis: só os percebemos quando se manifestam no corpo físico. Se uma pessoa ficar inerte e nada deixar transparecer no corpo, você nada verá. Por outro lado, somos seres-luz, nosso corpo é luz solidificada. Quanto mais você penetrar atentamente em seu interior, mais cristalina e desembaciada ficará sua luminosidade. Nossa luta consiste em reconhecemo-nos

luz. Você teve um instante de percepção da minha verdadeira natureza ao ver a emanção dos raios.

Aproximamo-nos do carro. Ia abrir a porta para Mathetés, mas ele com um gesto, interrompeu-me:

— Não se preocupe comigo, vou a pé. A madrugada está apenas nascendo e tem seus encantos. Muitas coisas interessantes começam a acontecer agora, desde que você saiba o quê.

Uma última pergunta me veio à mente e, abrindo o vidro, lancei-a:

— E se os assaltantes tivessem armas de fogo ao invés de punhais?

— Você é incrível — respondeu — sempre saca uma pergunta debilóide da manga. Se eles tivessem revólveres, é provável que você e eu, neste momento, estivessemos chegando ao largo da Penha, a dez quilômetros daqui, com nossas línguas de fora, mortos de cansaço de tanto correr...

Afastou-se calmamente, rindo às gargalhadas, como se a noite fosse sua companheira e aquele pedaço do planeta, sua casa.

Visita

ao

Topo do Mundo

Tratando de aprofundar-se no caminho interior, um grupo de buscadores de Atenção reunia-se três vezes por semana à volta de Mathetés. Nesses encontros, sempre em um lugar definido, trabalhávamos as três bases essenciais do ser humano. Mathetés expunha as idéias mais poderosas e tocantes, mas sempre as dosava na medida exata de nossa compreensão.

— De nada serve — dizia — lançar-lhes idéias que vocês ainda não tem estômago para digerir.

O estômago ao qual se referia era nosso preparo, através de um conjunto de práticas diárias, que nos fazia adquirir aos poucos uma solidez descontraída e receptiva. Nosso ser, fechado e obscurecido por uma educação formal e incompleta, começava a confiar na calorosa luz solar que emanava de Mathetés. E nossa compreensão expandia-se.

— A compreensão — ponderava ele — não é apenas uma função mental, como se acredita em nosso mundo contemporâneo. Hoje, investe-se apenas no saber do mental e, assim mesmo, em seu aspecto mais exterior. O saber nada mais é do que o acúmulo de informações dissociadas do resto do ser. A cabeça sabe, mas o corpo e as emoções mal são tocados. A verdadeira compreensão pressupõe um acorde das três partes e para se chegar a esse acorde são necessários labor, empenho e interesse.

nota dominante positiva e me preparam para enfrentar de forma nova o turbilhão que me invade a cada despertar.

Cheguei exatamente às oito horas de uma belíssima manhã de outono. Havia um frescor próprio da estação e o sol presenteava-nos com sua face calorosa e luzente, prenunciando um bom augúrio a quem soubesse sentir sua forte presença. Mathetés lá se encontrava, sentado em um banco, fazendo massagem na nuca de uma mulher simples, para mim desconhecida. Aproximei-me em silêncio e assim permaneci. Ao término da manipulação, a mulher levantou-se, mexeu a cabeça para trás e para frente e confessou sentir-se aliviada da terrível dor de cabeça que a acometera. Sorriu carinhosamente para Mathetés dizendo não saber como agradecer-lhe pelo gesto tão generoso e, como-vida, despediu-se.

— Quem era? — perguntei depois de cumprimentá-lo.

— Não faço a menor idéia. Um Homem de Atenção dispensa ajuda, calor e simpatia a todos os seres sensíveis do planeta, sem esperar retribuição. Por sermos Atenção, temos sempre o gesto justo no momento certo. Essa mulher estava a ponto de desmaiar de pressão na cabeça quando cheguei.

— O que o senhor fazia, uma massagem?

— De fato, eram toques para liberar a energia presa e congelada na região posterior do crânio. Quem trabalha sobre si mesmo descobre, ao longo de suas constantes observações e experiências, que existem vários pontos de congestionamento em seu corpo e aprende a liberá-los. Após perceber esses pontos e trabalhá-

los em si mesmo, passa a enxergá-los nos outros e, se tiver habilidade e interesse, pode ajudar a minorar o sofrimento no qual vive imersa a raça humana.

— De onde vem o sofrimento? — emendei.

— O sofrimento advém do fato de você possuir uma forma. Liberte-se da forma e não haverá sofrimento. A conversa interessava-me cada vez mais, mas Mathetés fez sinal para que caminhássemos. Ao entrarmos na Rua Barão de Itapetininga, curioso, perguntei aonde íamos.

— Vamos visitar o ninho da águia — disse casualmente.

— O que é isso, algum restaurante?

— Não seja idiota — replicou num tom alegremente severo. — Mas, pensando bem, talvez você tenha razão. O ninho da águia não deixa de ser o mais fino “restaurante” do planeta. — E riu como só ele sabia rir.

Fiquei intrigado. Mathetés sabia como ninguém manter o suspense e sempre dizia coisas que fispavam nosso interesse, não nos deixando cair em uma passividade adormecida, não alerta. Durante o percurso, já próximos ao Viaduto do Chá, apontou várias vezes os topos dos prédios e, fascinado, descobri uma São Paulo nunca vista. Percebi que no dia-a-dia caminhamos cabisbaixos pelo peso de nossos problemas, ou com o olhar perdido no horizonte. Nunca olhamos para cima. A parte alta era encantadora: formas, imagens, desenhos, terraços, tudo era novo para mim. Estava em outra cidade. Caminhar tornara-se extremamente agradável e comuniquei isso a Mathetés.

— Caminhar é o melhor exercício físico para o Homem de Atenção. É necessário praticar muito o andar atento. Através dele, você constata, além de outras coisas, a sensação de solidez básica de seu ser, a primeira digna de nota. Ademais, fortalece, relaxa e libera as potentes energias oriundas da parte inferior do corpo.

— Correr é bom? — perguntei.

— Não, é mortal como exercício. Correr queima suas energias mais finas e faz você funcionar apenas com as mais grosseiras. Conheci um japonês, mestre na arte do andar, capaz de caminhar 50 quilômetros por dia. Dizia, com seu sotaque arrastado: “curê é pra cavaru”. Sinta de que seu corpo realmente necessita e não seja “cavaru”. O Homem de Atenção utiliza tudo para seu crescimento interior e não se violenta tola mente com exercícios inúteis e perigosos. Não se esqueça disso e afaste-se dos modismos de nosso mundo atual.

— De onde vêm esses modismos?

— Vêm do mundo da “lunaticidade”.

— Que mundo é esse? — perguntei estimulado pela guinada que ele dera à nossa conversa.

— Não é o do Homem de Atenção, é o do homem anestesiado. Nele, os homens criam condições terríveis para si mesmos: fazem sapatos de plástico, roupas de poliéster, colocam lentes de contato nos olhos, comem carne com aditivos, comidas enlatadas, devastam florestas, matam seus irmãos animais sem motivos reais, poluem o ar que respiram e passam horas frente a uma caixa mágica, vendo cenas em um ritmo frenético, que angustiam ainda mais suas existências já tão sem sentido, tentando pescar um pouco de felicidade em um rio onde esse peixe não existe.

— Mas esse é o meu mundo! — exclamei.

— Não, esse *era* o seu mundo, não é mais. Você já foi fígado pelo outro lado. Do ponto em que se encontra, não há mais volta. Dúvidas, medos e angústias estarão sempre presentes, mas o germe do mundo real já está irremediavelmente inoculado em você e não o deixará em paz, mesmo que você o esqueça por muito tempo, por muitos séculos.

— Em que mundo vive o Homem de Atenção?

— No mundo real, porém brinca e diverte-se no da “lunaticidade”.

Essa formulação despertou em mim um sentido de grandeza, de maravilhamento, de *lila**, que só sentia frente a idéias desse porte. Permaneci em silêncio enquanto caminhávamos pela Rua São Bento, usufruindo a finura interior que havia sido tocada em mim. Nos contatos com Mathetés, ao longo dos anos, ressurgia em cada um de nós uma qualidade essencial, que se perdera na infância: a faculdade e o gosto de perguntar. A seu lado, brotavam questões genuínas sobre todas as coisas. Suas respostas, ao mesmo tempo em que esclareciam, encerravam provocações que aguçavam nosso interesse pela compreensão do mundo, de nós mesmos e do Universo. Nada escapava à sua visão crítica e imparcial. Mesmo que discordássemos por longo tempo de uma determinada colocação, cedo ou tarde acabávamos descobrindo a justeza e precisão do que havia sido apontado.

*“Jogo” em sânscrito

— Pode-se dizer, então, que o Homem de Atenção é um ator? — perguntei, seguindo a direção imposta à conversa.

— Todos os seres humanos são atores que desempenham um papel. Uns são professores, outros, operários, corredores de automóvel, deputados, médicos e assim por diante. A diferença é que o Homem de Atenção sabe que não é isso e não se gruda ao personagem; sabe que este é passageiro e transitório, que pode ser mudado à sua vontade e que pode brincar como quiser com essa máscara teatral, porque ela não é fixa. Já o homem anestesiado agarra-se com unhas e dentes ao personagem que inconscientemente encarna e que acredita ser a coisa mais cara e nobre do mundo. Ai de quem tocar e falar dele. Com o decorrer dos anos essa máscara, que deveria ser apenas auxiliar no crescimento daquilo que é a centelha divina no ser humano, passa a ser sua urna mortuária. Pobre fim para essa brilhante promessa concedida pelo Criador.

— O que anestesia a nós homens? — perguntei.

— Nossas energias biológicas, sexuais e emocionais, ajudadas pelo falar e fantasiar constantes que não nos deixam um minuto sequer.

— Mas o que fazer então com essas energias?

— Não há nada a fazer, há um não fazer. O homem distraído é vítima e presa dessas energias, ao passo que o Homem de Atenção as deixa fluir livremente, pois conhece o segredo.

Ia perguntar sobre esse segredo, mas ele fez sinal para que me calasse. Estávamos frente ao prédio Martinelli, o primeiro e mais antigo arranha-céu da cidade, construído na década de 20. Paramos para admirar sua

bela arquitetura e velho charme. Era misterioso e único, encravado entre edifícios mais modernos e mais altos. Dizia-se até que havia sido habitado por fantasmas antes da reforma. Mathetés apontou para o alto e disse dramaticamente:

— O ninho da águia é no topo.

Sem compreender, fiquei a uma pequena distância, enquanto ele conversava com o segurança, a quem parecia já conhecer. Com exceção de três andares ocupados, o prédio encontrava-se vazio; sendo sábado, os escritórios não funcionavam. Mathetés acertou nossa entrada com o vigia e fomos para o fundo, onde localizavam-se os elevadores.

— Vamos subir até o terraço no 28º andar — disse.

Em frente, lia-se uma indicação de que o terraço era no 26º. Mencionei isso com uma ponta de satisfação por ele ter-se equivocado.

— Não ligue para essa contradição, vamos ao 28º, só que você vai pelas escadas.

Foi como se um murro tivesse me atingido na boca do estômago e um turbilhão levantou-se em mim. Senti-me desprezado, desconsiderado, humilhado. Fantasiei a dificuldade em galgar 28 andares e sofri antecipadamente. Percebendo minha vacilação, Mathetés deixou que meus processos internos se desenrolassem e não fez nenhum comentário. Deu algumas indicações precisas, além da recomendação de que, ao subir, relaxasse por completo o corpo e, em cada movimento de pernas, aproveitasse a inclinação natural do tronco para frente, encostando a coxa ao peito. Escutei-o atentamente e, apesar da irritação, interessei-me pelo desafio, ciente de que havia sempre um propósito im-

portante em tudo o que Mathetés propunha. Perguntei se me acompanharia.

— Não, você ainda precisa ir degrau por degrau. Eu vou diretamente ao topo, de elevador. Até já. — E rindo apertou o botão.

Comecei então minha lenta, porém contínua subida. Ao passar pelo quarto andar, senti um entusiasmo muito forte e continuei subindo num ritmo natural. A respiração acelerava-se. No sétimo, parecia que uma força vinda de baixo me empurrava. A crise maior, entretanto, foi no 13º: o coração parecia sair-me pela boca, sentia emoções descontraídas, medos, angústias e uma opressão muito forte no peito. Mantive minha atenção sobre esses processos durante todo o tempo, sem tentar modificá-los. Como a ordem havia sido de não parar para descansar, continuei a escalada. Assim que saí do 13º, a respiração desceu e passou de peitoral para abdominal, o que facilitou as coisas. Observei que o impulso para a subida vinha da barriga e os ombros estavam tranquilos e relaxados. As pernas doíam suportavelmente. Quanto mais alto me encontrava, mais era tocado por uma impressão de liberdade. De repente, para meu espanto, meu corpo começou a subir sozinho, sem intervenção daquilo a que chamo “eu mesmo”. Maravilhosa experiência. O corpo agia como uma máquina perfeitamente azeitada. A energia despendida era mínima e a força, justa. Parecia que eu podia subir indefinidamente sem cansar-me. Ele funcionava com sua inteligência própria, sem nenhuma interferência. Eu havia lido sobre essa possibilidade e Mathetés a demonstrara no parque, naquela noite da luta. Mas, pela primeira vez vivia isso na própria pele. Incrível o número de possibilidades perdi-

das por esse aparelho de locomoção a que chamamos corpo. Em nosso estado habitual de letargia, nem desconfiamos de suas reais possibilidades.

Senti-me ágil ao chegar ao 20º andar e algo parecido à estática ressoava em meus ouvidos. Fui assolado por uma enxurrada de pensamentos e memórias, como se todas as gravações do meu mental emergissem ao mesmo tempo. Continuei sem parar, distanciando-me da estática e finalmente cheguei ao “28º”. Fui diretamente ao terraço, que ocupa toda a parte de cima do prédio, e avistei Mathetés sozinho, como um rei, bem no centro daquele amplo espaço.

— Noto pela sua respiração que você venceu a batalha contra a escada. Um Homem de Atenção enfrenta inúmeras batalhas durante a vida e, mesmo perdendo várias, sempre sai vencedor, pois aprende a virar todas as situações a seu favor.

Pensei em falar sobre o que experimentara ao subir, mas o local não o permitia.

— Sinta a força que vem lá de baixo, dessa pujante cidade — pronunciou Mathetés. — Daqui, não misturados ao trânsito, nem à agitação rasteira, podemos apreciar melhor as coisas.

Apoiado numa pequena mureta, olhei para baixo. Os acontecimentos estavam distantes. Daquela altura, os problemas, aflições, ambições e angústias, minhas e das pessoas que transitavam lá embaixo, careciam totalmente de sentido. Como eu, Mathetés deleitava-se com essa visão ímpar.

Após alguns minutos de contemplação, pediu-me que me deitasse ao solo de barriga para cima, na “posição de cadáver”, como a chamam os hindus. Devido ao

trabalho executado nas escadas, meu corpo continuava descontraído e solto. O terraço, apesar de uns poucos ruídos a distância, era magicamente silencioso, o que impedia o surgimento de associações mentais. Um silêncio básico permeava tudo e, de certa forma, eu sentia todos os andares do prédio, um por um, até o térreo e, mais ainda, até o porão escuro, que nem imaginava existir. Estranhamente, por sensação, parecia que o prédio tinha apenas 25 andares. Meu racional jamais poderia explicar tal coisa e eu nem tentava, pois sabia ser inútil.

Um tempo indefinido se passou, até que escutei ao longe a voz de Mathetés sussurrando que eu fixasse o olhar no céu. Isso era fácil, pois na posição em que me encontrava, este achava-se à minha frente, na altura de meus olhos. Nessa manhã radiante, sem nuvens, nada me separava do azul profundo. Soprou-me ao ouvido que procurasse um pequeno ponto que se movia na imensidão. Eu nada via, apenas o vazio. De repente, vislumbrei ao longe uma pequenina mancha branco-acinzentada, como um balão. Começou a vir em nossa direção e a tomar forma. Pensamentos e especulações não me importunavam; medos tampouco, era como se tivessem ficado nos andares de baixo. Sabia que o que se aproximava era de natureza solar. Não me enganara. A mancha revelou aos poucos ser uma imponente águia, do gênero que habita o hemisfério norte. Sobrevoou o local farfalhando, com suas imensas e possantes asas. Senti que voava para mim e que eu estava sendo tocado por sua clareza, agudez e percepção. Estabeleceu-se imediatamente uma total empatia entre nós. Reconheci nela uma velha conhecida e podia jurar que ela sentia o mesmo em relação a mim. Permaneci imóvel. Subitamente, eu estava voando e

via meu corpo deitado. Eu era a águia que flanava no espaço e, ao mesmo tempo, não perdia a ligação com o corpo, sentia sua pulsação. Aproveitei a visão ampliada e lá de cima, com os olhos da águia, olhei para o mundo.

Próximo a meu corpo, Mathetés acompanhava tudo silenciosamente, pronto a intervir, se necessário. Eu voava saboreando essa liberdade quase total e vivia plenamente o momento abençoado. Porém, algo ainda me prendia. Conforme me havia sido dito séculos antes, nessa mesma manhã, o que me aprisionava era a forma. De repente, inexplicavelmente, desprendi-me da águia e perdi a forma. A águia ficara num patamar mais baixo e meu corpo noutro, mais baixo ainda. Eu era um espaço infinitamente amplo, sem forma, glorioso. Nenhum sofrimento me atingia. Esse estado durou segundos, ou uma eternidade, não sabia e não fazia diferença.

Um puxão trouxe-me para baixo. Senti Mathetés tocando meu corpo suavemente.

— Bem-vindo ao mundo do sofrimento, — saudou — pensei que você não voltasse mais, já passa do meio-dia. Sei que a tentação de ficar por lá é grande, mas você ainda tem muita coisa para acertar lá embaixo. Precisa voltar às velhas dúvidas e, aqui, isto é impossível. Levante-se e vamos descer logo, não convém ficarmos mais.

Tomamos o elevador, em silêncio. No 20º andar, um grupo de pessoas quase o lotou. O tom alto de suas vozes incomodava quem havia vivido a experiência que eu vivera.

Aproveitei para perguntar em voz baixa:

— A águia existe realmente lá fora?

— Fora ou dentro, que diferença faz? O que importa é que tudo o que está fora, também está dentro de você. — Deu uma cotovelada de leve em meu peito e encerrou a questão.

No 13º andar, o elevador deteve-se pela última vez e pessoas que me pareceram muito agitadas invadiram-no, ultrapassando perigosamente o limite de peso. Fui empurrado e comprimido contra a parede, quase sem espaço para respirar. Sentia-me mal em minha própria pele. Mathetés continuava como se estivesse ao ar livre, nada o importunava. A viagem até o térreo foi um suplício e eu estava por explodir. Finalmente a porta abriu-se, todos saíram e projetei-me para fora aliviado.

Mathetés olhou-me com um sorriso de compreensão e disse:

— Você está como esse elevador, ainda cheio de si mesmo. Como é bom livrar-se e respirar ar puro...

As Três Cores da Morte

Eram nove horas da noite de uma terça-feira, quando Mathetés ligou para o laboratório onde trabalho e, com uma voz bastante preocupada, disse-me que deveria encontrá-lo dali a uma hora no velório do Cemitério do Araçá. Apesar de eu já conhecer o local, informou-me que era no número 300 da Avenida Doutor Arnaldo. Explicou-me rapidamente que acontecera um acidente com a família de um grego, antigo conhecido seu, e que algumas pessoas haviam perecido de forma trágica. Disse também, que íamos prestar um serviço aos mortos. Quis pedir mais detalhes, mas apressadamente tratou de desligar, deixando-me cheio de ansiedade. Nunca fui chegado em visitar defuntos, mas para mim um pedido de Mathetés era sempre da maior importância. Era capaz de abandonar qualquer atividade no meio para atender a uma solicitação sua. Sentia um genuíno prazer em estar a seu lado e já me habituara a seus chamados nas horas mais insólitas; de certa forma aguardava-os, pois sabia não serem um mero convite social, mas uma oportunidade a mais para aprender.

Arrumei-me como pude e cheguei ao local combinado na hora. O ambiente era de profunda consternação. Tentei achar um lugar para ficar, porém como não conhecia ninguém, senti-me um pouco deslocado. Procurei por Mathetés, mas não o encontrei, possivelmente

não tivesse chegado. Ouvi choro vindo das salas e senti o ar carregado, apesar de não haver muita gente. Percebi que estava começando a me contagiar pelo ambiente pesado, mas devido à constante e metódica prática interior, consegui entrar em um estado de Atenção alerta. Coloquei-me por trás desse estado emocional, sem colar-me a ele. A partir de então, pude contemplar melhor o local onde me encontrava. Constatei que havia quatro câmaras-ardentes, uma ao lado da outra. Em cada uma das três primeiras havia um corpo dentro de um caixão. Apenas a última estava vazia. Na sala de espera contígua, um homem sentado em uma das poltronas tinha um rosto que me era familiar, mas como parecia cochilar, não me detive nele. Procurei outras pessoas para obter mais informações, pois nada sabia além do pouco que Mathetés me adiantara ao telefone. Conversei com um e outro e aos poucos fui formando uma idéia do ocorrido.

Os acidentados eram trigêmeos dados ao vício da embriaguez e, naquele dia, haviam passado da conta. Entraram em um automóvel e o que agora estava na primeira câmara pegara a direção e saíra a uma velocidade altíssima pelas ruas e avenidas da cidade. Ao cruzar um sinal vermelho, desviou de outro automóvel e trombou a toda velocidade com um poste de cimento. A morte dos três foi praticamente instantânea. Do pai, não se tinha notícias e a mãe chorava copiosamente, dividindo seu tempo entre as câmaras onde jaziam seus três únicos filhos.

Passaram-se 40 minutos. Comecei a impacientar-me e, para ajudar a passar o tempo, resolvi contar os presentes: éramos 34. Mathetés não chegava. Perguntei a várias pessoas se o conheciam mas a resposta era in-

variavelmente negativa. Por razões óbvias, não fiz a pergunta à mãe dos falecidos. Uma ponta de preocupação perturbava-me. Já não estava mais vendo sentido em ficar ali, não sabia o que fazer, que atitude tomar. Estava pensando em ir embora, quando fitei novamente o homem que me parecera cochilar. Tinha os olhos abertos, perdidos na imensidão. Nossos olhares cruzaram-se. O desconhecido esboçou uma caricatura de sorriso e com um sinal sutil pediu que me aproximasse e sentasse a seu lado. Obedeci, magnetizado por esse olhar vindo de um outro mundo e senti-me magicamente envolvido.

— Então, não reconhece seu velho Athanatos? — perguntou o desconhecido.

Não podia acreditar no que via e ouvia. Esse era um dos nomes que Mathetés utilizava e que só os muito chegados conheciam. Quem era esse estranho, com tal poder hipnótico, que dizia ser Mathetés?

— Só porque estou com uma cara diferente você não me reconhece? Que raio de candidato a Homem de Atenção é você? Olhe bem para mim, observe meus traços.

Comecei a olhar atentamente e não sei o que foi acontecendo. Era como se por trás de uma máscara imaginária começasse a aparecer o rosto conhecido de Mathetés. Era ele e ao mesmo tempo não era. Eu estava aturdido.

— Relaxe, príncipezinho, você não poderia mesmo me reconhecer no seu estado de atenção dispersa.

— Mas, é a sua voz, é o senhor mesmo — exclamei aliviado.

— É claro que sou eu. Quem pensou que fosse? O Bodhidharma?* — e sorriu maliciosamente.

— Mas como lhe é possível ser e não ser o senhor ao mesmo tempo?

— É que estava praticando a antiga arte da invisibilidade.

— Que arte é essa?

— A de passar despercebido em qualquer circunstância. É agradável repousar no anonimato. Cansa sermos reconhecidos em todos os lugares. Os verdadeiros mandatários do Universo e do mundo, ninguém os conhece, não constam do catálogo telefônico e no entanto... Estou observando-o livremente, sem ser notado, desde que você chegou.

— O senhor falou em anonimato; como é que ficam então todas as pessoas que buscam a fama pela fama?

— Não ficam, são todas infladas como um balão, cheias de si. São pessoas sem substância real, como a que você sente ao praticar cada dia. Quando a morte vier e espetá-los com seu minúsculo alfinete, a auto-importância, a vaidade, a arrogância, em suma, o ar se esvai, sobrando apenas uma bexiga murcha. A fama não é alimento, é vento.

— Como é possível que seus traços tenham mudado e eu não o tenha reconhecido?

— Você habitualmente vê a mim e aos outros através do personagem que encarnamos. Este forma traços típicos em nosso rosto e em nosso corpo, através

* *Introdutor do Zen-Budismo na China no século VI*

dos quais somos reconhecíveis. Desde que você chegou, eu estava recolhido no profundo, descansando desse personagem, portanto meu visual era outro.

— O personagem é como uma roupa? — perguntei.

— Sim, uma roupa que envelhece, gasta-se e deve ser trocada periodicamente, como está para acontecer com esses três — e apontou para as três câmaras.

Nesse momento, voltei a lembrar-me de onde estávamos e perguntei a Mathetés o que fazíamos ali.

— Daqui a pouco você saberá. Como lhe disse ao telefone, conheci os pais destes rapazes e para dizer a verdade, ainda os conheço muito bem. O pai Lânthanofanos* amava-os muito, mas não se sabe por quê, deixou-os ainda crianças, abandonando-os à própria sorte. Foram criados pela mãe, dona Rhea**, que os mimou muito, dando-lhes tudo o que desejavam, estragando-os. Sempre sentiram a falta do pai e por isso brigavam entre si, embora estivessem constantemente juntos. Apesar de trigêmeos, eram muito diferentes em suas ações e, em certo sentido, completavam-se. Unidos da forma justa, seriam a própria harmonia, mas o destino não quis assim. A ausência do pai foi-lhes fatal. Passaram a embriagar-se e o final você já conhece.

— Por que o pai os abandonou? — perguntei com um sentimento de pena.

— Ao que me consta, por esquecimento. Ele era um homem luminoso, claro e tão rico que, apesar de não trabalhar há muito tempo, ainda era seu dinheiro que sustentava a casa. Tinha tudo para dar a melhor educação aos três, mas por desígnios talvez cósmicos, lo-

* *"Luz que se esqueceu" do grego*

** *"Natureza" em grego*

go após o nascimento dos filhos foi acometido de uma amnésia quase irreversível, que o fez perder-se no mundo e aparecer apenas raramente.

— Pelo que entendi, o senhor ainda o vê?

— Eu o vejo sempre. Ele me reconhece e conversa comigo normalmente. Trabalhei todos esses anos para que se lembrasse dos três filhos e pudesse, com sua presença, trazer a paz e a ordem à sua casa. Estou a ponto de consegui-lo e você está aqui para ajudar-me nessa missão.

Entendia cada vez menos. Não sabia nem como ajudar pessoas vivas, que dirá três defuntos, de cujas vidas conhecia uma pequena parte através de um relato. Por isso perguntei:

— De que adianta querer ajudá-los agora que já morreram de forma tão estúpida?

— Aí é que você se engana. Ainda temos um fio de cabelo de chance e não vamos desperdiçá-la. Um Homem de Atenção percebe exatamente quando a porta da sorte se abre e entra rapidamente por ela antes que se feche. Qualquer demora pode ser fatal.

— O que devo fazer então? — perguntei.

Mathetés deu-me indicações e instruiu-me sobre como proceder nas três câmaras. Pediu que realizasse certos atos de forma discreta, sem que as demais pessoas percebessem. Chamou esses atos de “ritual de vivificação dos mortos por toque”. Apesar de minha profissão, não me agradava aproximar-me de cadáveres, sentia uma certa repugnância. Agora ia ter que tocar em três. Mathetés insistia que a única forma de ajudá-los era tocando-os.

Decidido, entrei na primeira câmara, cumprimentei a mãe que ali se encontrava e pedi licença para “rezar” por seu filho por alguns momentos, explicando que faria o mesmo com os outros. Ela concordou e agradeceu comovida. Fiquei em pé ao lado do cadáver durante aproximadamente nove minutos e experimentei o mais absoluto silêncio interior. Não permiti que nada se interpusesse entre mim e o corpo ali presente, nem um só pensamento, nem uma só emoção, nem um só querer. Havia agora entre nós uma real comunicação silenciosa. Ao final desse tempo pré-estabelecido por Mathetés, coloquei a mão esquerda sobre a fronte do cadáver, por um minuto. A partir do contato, uma coloração amarelada preencheu a câmara. O ritual durou 10 minutos, após os quais fui para a câmara seguinte, onde repeti a operação. No minuto final, minha mão esquerda tocou o peito do cadáver e uma tonalidade avermelhada coloriu a câmara, tocando os presentes. A mesma operação foi executada na terceira câmara: no décimo minuto, coloquei a mão esquerda sobre o ventre do morto e a cor que se desprende foi a azul. Estranhei que ninguém percebesse nada e quando voltei para perto de Mathetés coloquei-lhe a questão.

— Você já sabe por quê. Eles não param de falar o tempo todo, como é que você quer que nesse estado alguém perceba alguma coisa? A palavra velório significa velar, sinônimo de estar atento, ser Atenção. Frente a um morto, seja Atenção, é disso que ele necessita. Os homens anestesiados começam a falar, contar piadas, discutir negócios, numa verdadeira compulsão por externar suas infinitas baboseiras. Dessa forma, emanam para os mortos uma vibração grosseira

e negativa. Aquilo que ainda resta de esperança e brilho nos cadáveres é lançado numa total confusão.

— Ainda resta alguma espécie de vida neles? — perguntei.

— Claro que sim, senão não estaríamos perdendo nosso tempo aqui. Ainda lhes resta uma soma de consciência e por isso tocá-los foi fundamental.

Ia perguntar sobre as três estranhas cores, mas Mathetés ordenou-me que entrasse novamente no silêncio interior e olhasse atentamente para a primeira câmara. Alguns momentos se passaram e o falatório e agitação que reinavam nas câmaras e na ante-sala desvaneceram-se: era como se todas as pessoas tivessem desaparecido e restassem apenas Mathetés, os três corpos e eu. Estava inteiramente atento à primeira câmara. De repente, a luz amarelada inundou-a novamente e atingiu a ante-sala. Maravilhado, vi o corpo, até então inerte, caminhar em nossa direção com uma expressão pensativa e sentar-se na poltrona à minha esquerda. Uma onda de pensamentos assolou-me, mas como estava ancorado numa prática silenciosa, passou rapidamente. Mathetés cutucou-me e pediu que conversasse com o visitante, pois por tê-lo tocado, era responsável por trazê-lo à vida. Pediu também, que perguntasse tudo o que quisesse, já que poderia obter informações preciosas sobre sua morte, o que nos permitiria ajudá-lo. Sussurrando, perguntei que linguagem deveria utilizar com o morto.

— Com o da primeira câmara, cujo nome é Aquiles, misture silêncio, sensação e palavras. Ele entenderá.

Como já me achasse em um estado de silêncio e sensação, tive apenas que deixar fluir as palavras. Perguntei a Aquiles:

— Como você se sente?

— Muito assustado — respondeu o cadáver — Dou-me conta de que meu tempo acabou e não fiz nada de útil. Passei a vida toda “embriagado”.

— Por que você bebia? perguntei.

— Nunca bebi. Isso foi uma incompreensão de nossos semelhantes. Na verdade, vivia embriagado de mim mesmo. Os pensamentos que não cessavam um só segundo, as imagens que dançavam à minha volta, a luz amarelada que me acompanhava o tempo todo, isso sim é o que me embriagava e me levou à morte.

— O que é essa coloração amarelada? — perguntei.

— É a cor do meu corpo, ela é natural em mim. Percebo agora, de fora, que deveria ter tido uma relação diferente com meus irmãos, pois apesar de tudo era o chefe da família. Embora trigêmeos, fui o primeiro a nascer.

— Por que você implicava e brigava tanto com seus irmãos?

— Devido à ausência de nosso pai, nossa relação sempre foi caótica. Sua intervenção natural teria permitido que nos fundíssemos numa coisa só. Nosso pai esqueceu-se de nós. Por isso vim para perto de vocês dois. — Calou-se por uns instantes e continuou — Vocês têm uma luz branca, cristalina, de que sinto necessitar muito. É a luz que nosso pai poderia ter-nos dado e não deu.

— Já que está do lado de lá, diga-me uma coisa: existe algo como céu ou inferno?

— Se existe um inferno, já estou nele e é apenas uma continuação do estado em que vivi a vida inteira.

— Você está dizendo então que, enquanto vivermos

neste mundo, mergulhados nesse estado que você menciona, estamos no inferno?

— É isso mesmo. O inferno não é do lado de lá ou do lado de cá. Não existe tal coisa. O inferno é esse estado de perpétua dúvida, anseio, aflição e querer no qual estou aprisionado há muito tempo. Por que ninguém me avisou antes? Por favor, ajude-me a sair dele, do contrário jamais terá fim. Não conheço um só minuto de silêncio. — Baixou a cabeça e percebi em meu profundo o terrível estado em que se encontrava. Vi em suas feições o sofrimento que vem do constante falar interno.

Olhei para a segunda câmara. A luz avermelhada extravasava para a ante-sala e o segundo irmão, que Mathetés sussurrou-me chamar-se Leônidas, caminhava em nossa direção. Sentou-se à esquerda de Aquiles. Sabia que deveria conversar com ele também e lembrei-me de perguntar se deveria usar a mesma linguagem.

— Não, palavras de nada servem com Leônidas. Fale por silêncio e sensação, ele entenderá.

A questão instalou-se em mim: como perguntar sem falar? Fiquei quieto e tentei senti-lo. Que vibração havia nele, que energia pulsante, que riqueza! Aí começou um diálogo sem palavras, que ele começou com uma pergunta:

— Quem é você, estranho, que está me sentindo? — E sem me deixar responder, continuou — Em toda a minha existência, é a primeira vez que alguém se interessa por mim. Meu irmão Aquiles, em vez de ajudar-me da forma justa, me fustigava e assustava com palavras vazias. Cresci e passei a vida toda no medo, na aflição, na angústia, dobrado sobre mim mesmo. Eu

era um bolo no meio do peito. Sempre fui prisioneiro dessa cor natural avermelhada; hoje sinto que poderia tê-la transformado em outra coisa. Meu irmão Tayros consumia-me com seu ciúme e seus dejetos. Nunca recebi a educação e o alimento necessários para meu desenvolvimento. Segundo a nascer, se tivesse recebido a Atenção que você estranho está me dando agora, poderia ter sido um valente intermediário entre Aquiles, o filósofo, e Tayros, o homem de ação. Ai de mim, vou ter que suportar este estado infernal por toda a eternidade.

Pôs as mãos sobre o peito e calou-se. Escutei e sofri silenciosamente o relato de Leônidas, que despertou em mim o desejo genuíno de ajudá-lo. Devido à minha escuta atenta, algo mudara em sua expressão e em seu rosto. O que antes era infeliz e sofrido, começava agora a dar mostras de alívio.

Mathetés indicou-me a próxima câmara. Uma luz azulada transbordava em nossa direção e o terceiro morto, caminhando com passos duros e tensos, sentou-se à esquerda de Leônidas. Estava rijo e contraído. Sua postura era a de um velho, não a de um jovem de 30 anos. Mathetés explicou que Tayros respondia bem à linguagem empregada com Leônidas. Disse também que em vida, apesar de não o saber, amara o silêncio e apreciara expressar-se por sensação. Percebendo-se observado, devolveu o olhar e no mesmo instante relaxou de sua rigidez cadavérica, como por um passe de mágica. Um calor novo percorria seu corpo frio, dando-lhe uma circulação até então desconhecida. A ligação entre nós se refizera, sentia-o como a um filho perdido.

Mathetés olhava-nos compreensivamente, sem inter-

ferir. Preparava-me para começar o diálogo quando Tayros lançou-se:

— Pai, por que o senhor nos abandonou todo esse tempo? Por onde andava?

Uma faísca elétrica percorreu minha espinha dorsal. Foi como se uma fenda se abrisse no chão e eu fosse projetado no vácuo. Por momentos perdi todas as referências. A queda era vertiginosa e a verdade, assustadora. A evidência aparecia sem máscaras: eu era Lânthanofanos, pai ausente dos três rapazes. Mathetés sabia-o desde o princípio; era o diretor da cena. O final da queda foi macio e a compreensão instalou-se definitivamente. Eu era o dono da casa e assumia a paternidade há muito esquecida.

— Filho, conte-me um pouco sobre você. Começamos agora algo novo.

— Como o senhor vê, após o seu esquecimento, gastei todas as minhas energias de forma abusiva. Durante toda a minha vida fui um poço de tensões. Nunca conheci descanso, nem dormindo. Meus irmãos obrigavam-me a trabalhar constantemente, como um burro de carga, para atender apenas a seus interesses. Não que eu não gostasse de trabalhar, pelo contrário, sou um homem de ação e é de minha natureza intrínseca trabalhar bastante. Mas, a ignorância e a cegueira dos dois colocaram-me a serviço dos propósitos mais disparatados, que nada tinham a ver com minhas necessidades reais e acabei por desgastar-me. Meu irmão Aquiles, por pura invencionice, obrigava-me a praticar os mais loucos esportes de competição, sem saber que isso acabava comigo. Queria pavonear-se às minhas custas e mostrar aos amigos e às mulheres que

seu irmão era um esportista famoso. Eu paguei por todo esse disparate. Morri com problemas de coluna, dores no cotovelo, artrite nos joelhos e nas juntas e dores de cabeça homéricas. Isso tudo apenas na parte dita externa do meu corpo. No que se refere à circulação mais fina, interior, nessa nem falar. Meu irmão Leônidas procurava excitação em cinemas, bares, jogo, sexo de revista, manchetes de jornal, olhares do sexo oposto, procurando de chapéu na mão um pouco de vibração para sua vida tão insossa. Descarregava em mim seu mau humor perene, fazendo-me correr para baixo e para cima, dando-me injeções de adrenalina a cada medo que sentia. Depois disso, vinha o povo dizer que eu era um bêbado, quando de fato era essa carga toda que me drogava. É claro que não fui nenhum santo. Lancei farpas e descargas energéticas para que continuassem em seu inferno particular. Com o senhor posso me abrir: era eu quem os embriagava diariamente com as possantes energias que fazia subir de minhas entranhas.

Após esse simpático e descontraído desabafo, calou-se. Os três olharam para mim como que esperando algo. Virei-me para Mathetés à minha direita, que pegou minha mão e fez sinal para que eu desse a esquerda a Aquiles, que por sua vez deu a sua a Leônidas, que fez o mesmo com Tayros. Estávamos de mãos dadas, numa só linha como que verticalmente. Nesse instante, uma luz branca em forma de cascata, emanada de Mathetés, passou por mim e atingiu meus três filhos, provocando um processo de fusão das três cores. O amarelo fundiu-se ao vermelho e este ao azul. Pela primeira vez, a casa estava em ordem. Os três completavam-se e misturavam-se na proporção justa,

como que obedecendo a uma lei superior. O processo durou um longo tempo, quase uma vida inteira. Afinal, desapareceram do meu lado, deixando apenas um rastro de cor âmbar, que aos poucos foi se concentrando na quarta câmara, até então vazia. Agora, havia lá um corpo.

— Vamos sair daqui — disse Mathetés — a experiência encerrou-se.

Tudo havia voltado ao normal. As mesmas pessoas continuavam conversando, discutindo casos e se emocionando. Ao sair, passei pelas três câmaras e, como já previra, os rostos apresentavam feições tranqüilas e serenas. Descansavam em paz.

Sáimos para a rua. Eram quatro horas e a madrugada estava agradavelmente fria. Fomos caminhando em direção à Avenida Paulista. Perguntas começavam a fervilhar em minha mente e uma delas pipocou:

— O que nos faz morrer? — perguntei a Mathetés.

— O Araçá nos faz morrer — respondeu casualmente.

Não encontrei o menor sentido na resposta, pois Araçá era o nome do cemitério, cujo velório acabáramos de deixar. Vendo meu titubeio, continuou:

— Araçá é uma palavra tupi-guarani que significa, além de outras coisas, “olho do tempo”. No mundo, tudo é interligado de uma forma não visível para o homem comum. Por exemplo, se analisarmos *ara* e *ça* em sânscrito, chegaremos a algo como “aquele que se lança na roda do tempo”, ou seja, a mesma coisa. Aqueles três morreram porque ficaram perdidos apenas no aspecto tempo do nosso ser, que é cambiante e transitó-

rio. Não morrer é entrar numa zona interior de calma profunda, que não está sujeita à passagem devastadora desse impiedoso e inexorável inimigo.

— Mathetés, diga-me então, a morte é ou não é definitiva?

— Nada é definitivo para o Homem de Atenção, nem mesmo a morte. Ele a encara apenas como transição de um estado para outro, quando se liberta de vez do corpo concreto. Para isso, é necessário um longo trabalho, uma vida inteira devotada à construção de um novo corpo interior. Mas isso é uma outra história, para um outro momento...

— Como é a morte para o homem distraído?

Refletiu um pouco, parou um táxi, entrou, abriu o vidro, bateu uma das mãos na outra num gesto malicioso e respondeu rindo, enquanto o carro se afastava:

— O homem distraído quando morre, tchau mesmo...

... e a caixa mágica, que contém a chave para a solução de todos os problemas. É a caixa mágica que nos dá a resposta para todas as perguntas que nos fazemos.

— Mas é melhor não abrir a caixa mágica, porque se a abrirmos, vamos descobrir que não há nada lá dentro. É apenas um truque para nos fazer acreditar que há algo lá dentro.

— É verdade, mas a caixa mágica é muito interessante. Ela nos dá a sensação de que estamos descobrindo algo novo e interessante.

— Então, não abra a caixa mágica. Deixe-a fechada e deixe-nos acreditar que há algo lá dentro.

— Mas, se não abriremos a caixa mágica, como vamos descobrir se há algo lá dentro?

— Não sabemos, mas a caixa mágica é muito interessante. Ela nos dá a sensação de que estamos descobrindo algo novo e interessante.

A Caixa Mágica

... e a caixa mágica, que contém a chave para a solução de todos os problemas. É a caixa mágica que nos dá a resposta para todas as perguntas que nos fazemos.

— Mas é melhor não abrir a caixa mágica, porque se a abrirmos, vamos descobrir que não há nada lá dentro. É apenas um truque para nos fazer acreditar que há algo lá dentro.

— É verdade, mas a caixa mágica é muito interessante. Ela nos dá a sensação de que estamos descobrindo algo novo e interessante.

— Então, não abra a caixa mágica. Deixe-a fechada e deixe-nos acreditar que há algo lá dentro.

travessava momentos de turbulência em minha vida particular. A partir dos ensinamentos de Mathetés, começava a enxergar o mundo sob um novo ângulo. Os antigos valores inculcados desde a infância já não me atraíam. Ganhar dinheiro para ser rico e famoso também perdera o encanto. Trabalhava sim, com afinco, para ter uma vida financeira estável e tempo disponível para dedicar-me cada vez mais ao estudo e à prática de um trabalho interior que me transformasse radicalmente. Já havia passado por inúmeras experiências, tanto sozinho como junto a Mathetés, que me haviam despertado para um mundo novo. Mesmo assim, os velhos hábitos, arraigados há gerações, ainda me aprisionavam e seduziam; não podia simplesmente abandoná-los e deixar as coisas rolarem. A inércia era muito grande. Por outro lado, o trabalho interior se afigurava como um remar contra a corrente, contra tudo aquilo que permeava meus pensamentos, emoções e meu próprio físico. Mathetés havia ensinado que podemos livrar-nos dos conteúdos interiores que nos aprisionam, bastam querer e saber como. Contara inclusive o caso do mecânico chamado por uma pessoa que não conseguia fazer o motor do carro pegar: o mecânico abriu o capô, fez um exame minucioso e, para surpresa do proprietário, pediu um martelo emprestado. Com uma martelada curta e seca em determinado ponto, resolveu o problema. Encantado, o proprietário per-

guntou quanto devia pelo trabalho e quando o mecânico deu-lhe um preço pelo menos dez vezes maior do que esperava, reagiu entre surpreso e bronqueado: “Tudo isso por uma marteladilha?”, ao que o mecânico sabiamente retrucou: “Sim, mas foram precisos dez anos para saber onde dar a martelada”.

Como nesse pequeno conto, o trabalho interior também é muito mais uma questão de saber como, que de fé ou de qualquer outra coisa. Num certo sentido, esforçava-me para dar a martelada no ponto certo. Com relação ao querer, todas as práticas diárias, na forma de exercícios os mais variados, ajudavam-me a desenvolver uma vontade poderosa. O trabalho interior conduzido por Mathetés não era um ficar à espreita das coisas de que não gostamos em nós mesmos para modificá-las; era uma mudança de pólo. Prometia uma transformação qualitativa do ser, no sentido de que um homem que aprendeu a entrar em contato com a profundidade de seu ser é intrinsecamente diferente daquele que não o aprendeu. A diferença qualitativa, explicava, era a mesma que distinguia um chimpanzé de um homem comum. A idéia, apesar de chocante, correspondia a uma verdade experimental: o homem em seu estado habitual de dispersão e alheamento de si mesmo é um ser incompleto e não responsável por seus atos. Isso explica muito das atitudes e ações dos seres humanos e mostra o quanto as pessoas são manipuladas pela opinião dos outros, por modismos, condições climáticas e mudanças de situação em geral. Por outro lado, todo o ensinamento de Mathetés era no sentido de que o homem, e apenas ele, pode completar-se e dar um acabamento a si mesmo. Insistia, porém, que era necessário um grande esforço pessoal e o desen-

volvimento de uma vontade poderosa rumo a esse objetivo.

Imbuído de pensamentos e especulações desse tipo, fui certa tarde ao Parque do Ibirapuera, local ideal para praticar o caminhar que Mathetés havia ensinado. Comecei a caminhada de acordo com as instruções e logo minha cabeça desanuviou-se e um relaxamento gostoso liberou meu corpo das tensões. Era muito agradável e tonificante caminhar por caminhar, sem a preocupação de querer chegar a algum lugar. Esse andar sem objetivo é uma arte há muito esquecida: estamos sempre correndo atrás de alguma coisa, querendo isto ou aquilo e não nos sobra tempo nem espaço para nós mesmos. A vida se escoia e não desfrutamos o que tem de mais precioso.

Após ter caminhado mais de quatro quilômetros e estar em um estado muito fino de Atenção, sentei na grama, recostei-me a uma árvore e fiquei curtindo o sol de inverno que me acariciava. Acabei adormecendo. Não sei quanto tempo se passou até que escutei ao longe, como em sonho, uma voz cantarolando suavemente uma melodia que parecia dos menestréis da Idade Média:

*Oh! flor brilhante e viva,
Desde minha infância te procuro.
Longe e perto estás.
Por não te encontrar,
Quase perco a noção da tua existência.
Procuro afoitamente em todas as partes,
Por todos os lados.
Busco, mas não encontro,
Olho, mas não vejo,
Toco, mas não sinto.*

*Sem saber que por trás
De meu peito fechado
Te escondes,
Prometendo todas as delícias
De um maravilhoso primeiro encontro.*

Aos poucos fui reconhecendo o som dessa voz e, coincidindo com a emersão de minha consciência para o estado de vigília, abri os olhos e deparei com Mathetés sentado a meu lado, com um sorriso afável nos lábios.

— Como o senhor me encontrou aqui? — perguntei entre surpreso e irritado.

— Você é uma presa fácil. Conheço seus gostos e hábitos e para um caçador é o bastante. — E percebendo por meu olhar incrédulo que essa explicação não me convencia, continuou — Senti que você está num momento de muitas dúvidas com relação a si mesmo e necessitando de uma série de confirmações, por isso decidi aparecer.

— Mas isso ainda não explica essa coincidência — continuei.

— O mundo é um lugar mágico. Em nosso estado habitual de adormecimento, vemos apenas a superfície das coisas. Pensamos sempre em coincidência, azar, sorte, encontro, desencontro, certo, errado e assim por diante. Para um Homem de Atenção isso não basta, ele deseja mais, muito mais, pois vê acima e além dessa constante dualidade. Não quer ser vítima dessa luta eterna entre o sim e o não, a luz e as trevas, quer antes ser o agente neutralizador dessas duas tendências universais. Busca sempre o centro e aí tudo acontece.

— Não vejo nenhum mundo mágico — exclamei ainda com uma ponta de irritação por ter sido encontrado.

— Sabe por que você não vê o mundo mágico? — perguntou com veemência — porque seus olhos banalizam o mundo. Você se acostumou tanto a ver o milagre acontecendo, que se dá ao luxo de ficar irritado quando as coisas não sucedem segundo sua diminuta imaginação. Olhe à nossa volta: tudo o que você vê neste parque, tudo o que existe saiu do nada. No começo era o vazio, pleno e confortador, difícil de se explicar e de se conceber. De repente, produziu-se uma ejaculação e todo o comércio universal começou a acontecer e a desenvolver-se a cada átimo de segundo. Você é fruto também de uma ejaculação do vazio e não apenas da do seu pai.

Completo o discurso com um gesto malicioso e calou-se sorrindo. Acompanhei-o no sorriso, pois minha irritação desaparecera. Com sua energia, conseguira em poucas palavras mostrar-me a grandiosidade do mundo. Comecei a compreender que tudo tinha vida, a grama na qual me sentava, as árvores, os patos que boiavam na água, o ar, a própria terra, tudo era vida pulsante e havia sido produzido por um passe de mágica, com uma finalidade precisa. O Grande Prestidigitador de nada se esquecera, tudo estava em seu lugar. Eu é que estava esquecido Dele, vivendo em meu mundo ilusório, mesquinho, particular. Por segundos desfrutei desse estado natural de contemplação, até que uma pergunta brotou em meu cérebro:

— Por que o mundo foi criado? — perguntei em voz alta.

— Para ser contemplado — respondeu.

— Como assim?

— O mundo existe, porque você existe. Toda manhã, quando você acorda de um sono profundo, ele é criado novamente; quando você dorme, ele desaparece.

— Quando eu durmo o mundo não desaparece — argumentei — continua existindo.

— Como é que você sabe?

— Encontro-o toda manhã do mesmo jeito em que o deixei. Os outros também me falam dele. Isso é uma prova de que existe, independente de mim.

— Talvez sim, mas se você não existir, ele não existe para você. Existe apenas para você contemplá-lo, pelo seu desejo de vivê-lo. É o seu desejo que faz o mundo. Quando você está em um estado de Atenção plena, sem objetos, vazio de desejos, ele não tem importância para você. Tão logo aparece um primeiro desejo, o mundo inteiro é criado e as necessidades vão somando-se umas às outras, encadeando uma escravidão sem fim. É por isso que um Homem de Atenção desfruta do que bem lhe aprouver e, ao mesmo tempo, é livre de qualquer impulso de desejo.

— O desejo é uma força inferior no homem? — indaguei.

— Essa é a maneira comum e tola de encará-lo. Associa-se desejo com sexo e outras “minhocas” que se tem na cabeça, tachando-o de inferior e vil. A partir do que falamos até agora, você pode compreender que o desejo é o que cria o mundo, é a primeira emanção direta do Criador. Se no meio do impensável, incomensurável vazio não aparecesse um ponto de de-

sejo, nada se produziria. Em você, a cada momento ocorre um processo similar de criação: por exemplo, você está aqui, sentado, quieto; de repente, um desejo de comer surge no meio da quietude e o empurra para executar uma série de atos que o satisfaçam. Generalize isso e terá a criação do Universo, cujo motor é a força do desejo.

— E como apareceu esse ponto de desejo no meio do silêncio?

— Esse é o grande mistério, o grande desafio. Não sei como, mas apareceu. Nós humanos temos os três componentes básicos: aquele que contempla e não se mistura à ação, o mundo criado com todas as energias de consumo e o fogo do desejo. Cabe ao homem encontrar o equilíbrio entre essas tendências universais.

Calou-se e fitou em silêncio o lago à nossa frente. Seu olhar como que atravessava a barreira material tocando o infinito, dando a impressão de que se encontrava sozinho no mundo e nada mais existia. Incrível como conseguia passar de um estado de veemente reflexão explanatória para outro de absoluto silêncio, em que nada o perturbava. Mesmo em seus estados de maior exaltação, sentia-se por trás de sua movimentação uma calma destacada que nada podia afetar. Mostrava por seu exemplo pessoal como “brincar” de Homem de Atenção e com isso exercia um fascínio irresistível nas pessoas com quem convivia.

Foi então que reparei numa sacola de papel que Mathetés deixara a seu lado sobre a grama. Como jamais carregasse nada nas mãos — “um homem deve tê-las sempre desembaraçadas” — fiquei curioso e, enquanto ele vasculhava sua própria profundidade, arrisquei um olhar para tentar descobrir o que havia nela.

— Até que enfim você notou — disse suavemente — trouxe isto para você.

— O que é? — perguntei.

— A herança dos Gurcos, meu avô deixou-a para nós.

Fiquei estupefato. Mathetés jamais citara nada da origem de seu ensinamento e nunca dissera uma só palavra sobre sua família. Fazia-o de propósito, alegando que seu passado não interessava a ninguém, era apenas um tecido de fatos que contribuíram para sua formação interior. — As biografias — dizia — servem apenas para inflar ainda mais a vaidade do biografado.

— O senhor disse que ele a deixou para nós?

— Sim, os Gurcos são uma grande família da qual você agora faz parte. Você também é herdeiro de meu avô.

— O que o senhor quer dizer com isso? — perguntei admirado.

— Você sempre quis saber sobre nossa história, agora é chegado o momento. Os Gurcos vêm de uma era muito remota, de antes do aparecimento da história oficial da humanidade. Aliás, diga-se de passagem, a história conhecida pelo homem comum, anestesiado, é um grande engodo, nada tem a ver com a realidade. Na prática você sabe disso. Por exemplo: quando uma pessoa conta, algum tempo depois, um fato vivido por ela mesma, esse fato, independentemente de sua vontade, é modificado e interpretado por seu ângulo subjetivo de visão. A segunda pessoa a contá-lo, o modifica e a terceira, mais ainda. Na décima-quinta, o fato já não guarda nenhuma semelhança com o aconteci-

do. Assim é com a história dita oficial, uma série de informações que têm apenas uma ligeira semelhança com o fato inicial.

— Mas existe algum outro tipo de história?

— Sim, a dos Homens de Atenção é verdadeira. Não são simples fatos confusos, registrados em livros amarelados pelo tempo. Não são lembranças fugazes de um passado desinteressante que os professores inculcam na cabeça dos candidatos a homens adultos. Nossa história é vivida hoje, no momento presente. Sabemos de fatos ocorridos há milhares de anos pela nossa experiência interior agora.

— É possível provar isso para os historiadores e para os meios de comunicação atuais?

— Não temos interesse em provar nada para as pessoas comuns. Para o ser humano de busca sim, podemos prová-lo. Você mesmo terá a prova daqui a pouco, mas como praticante do caminho interior e isso muda tudo. Voltando a nosso caso inicial, temos conhecimento da existência dos primeiros membros da nossa "tribo" no continente da Atlântida, bem antes de sua submersão.

— O continente da Atlântida existiu mesmo?

— Existiu e foi a partir daí que nosso trabalho realmente começou a desenvolver-se. Como já disse, não podemos provar sua existência oficialmente, pois nossa história é transmitida oralmente, de geração em geração, e por experiência interior direta. Não ficaram registros escritos, pois os antigos não tinham preocupação com isso. Pouco antes do afundamento do continente, os elementos de nossa tribo, prevendo a catástrofe, procuraram as partes firmes do planeta, no-

tadamente o que hoje chamamos de Ásia e Europa. Bem mais tarde, habitaram também as Américas, antes dos descobrimentos; aliás, foram eles quem deram as coordenadas e dirigiram a vinda dos espanhóis e portugueses para a descoberta oficial. Apenas como curiosidade, via-se pintada nas caravelas dos portugueses a cruz dos não tão antigos templários, que também faziam parte de nossa tribo. Até uns duzentos anos atrás, nosso trabalho era conhecido na Europa sob várias formas, às vezes, até conflitantes. Conforme já disse mais de uma vez, este trabalho adota feitios diferentes, segundo o momento e a necessidade da época. Em si, o trabalho não precisa de uma configuração exterior definida, por isso sobrevive a qualquer intempérie, a qualquer governo, a qualquer déspota. Por não ter forma, é eterno e fala qualquer língua. Aparentemente pode morrer aqui, mas renascerá acolá. Nos dois últimos séculos, em nosso mundo europeizado, ficou hibernando, trabalhando “por baixo do pano”. Quanto a nossos parentes asiáticos, grande parte continuou o trabalho de muitas maneiras, com uma carga de ritos enfadonhos aos quais foram obrigados a sujeitar-se para subsistir. Para mim pessoalmente, seria muito difícil agüentar todas as solenidades às quais se prendiam. Amo ser livre como um pássaro, mas de qualquer jeito foi seu destino...

— Como seu avô entra nisso?

— Ah, meu avô... ele é o Gurco que neste século juntou todo o conhecimento de nossa tribo, então espalhado e fragmentado, e deu um novo impulso de trabalho interior para o mundo ocidental. Foi um real Homem de Atenção e podemos dizer que nosso ramo familiar começa nele. Infelizmente não o conheci, era

criança quando ele “decidiu” morrer, mas recebi todas as suas idéias e práticas através de meu pai, de minha mãe e de minha avó. Aliás, minha avó, essa extraordinária Mulher de Atenção, levou ao extremo a arte da não-forma e do anonimato. Tem influenciado o mundo conhecido de várias maneiras, não deixando nenhum rastro de sua passagem, apenas suaves pegadas para aqueles que sabem... Talvez algum dia falemos mais dos três.

— Qual o nome de seu avô?

— Nomes, na realidade, não importam. Mas você pode chamá-lo simplesmente, como referência, de Gurco-Chefe. Para nós, foi o primeiro da linhagem e deixou-nos indicações precisas de como nos desenvolvermos por nós mesmos. É próprio de toda verdadeira tradição deixá-las, de modo que as gerações futuras desenvolvam-se na direção correta, utilizando seu esforço pessoal. Essas indicações, porém, nunca vêm mastigadas e prontas. Você pode compará-las ao descobrimento de um poço de petróleo: em primeiro lugar, é preciso um grande empenho e conhecimento para chegar ao local onde começar a escavar; em segundo, o difícil trabalho de perfuração, com todos os mecanismos e maquinário necessários; depois, a extração propriamente dita e finalmente o refino do óleo bruto, que jorra da terra e que vai originar os diferentes subprodutos. No trabalho interior, são dadas indicações sobre onde e como escavar, e sobre a extração e refinamento das substâncias. Quanto à segunda parte, contudo, a perfuração em si, cada um deve suar a própria camisa. Cada ser humano que se interesse deve provar sua vontade e tenacidade para encontrar o petróleo bruto.

Aproveitei uma pequena pausa e pedi que me deixasse ver a herança dos Gurcos. Passou-me a sacola de papel, da qual tirei uma caixa de 18cm de comprimento por 12cm de largura e 4cm de espessura. Era feita de cartão grosso e estava amarelada pelo tempo, mas não era pesada. Verifiquei que podia abri-la como um livro, a tampa era presa só de um lado. Mathetés preveniu-me de que só deveria abri-la se realmente estivesse decidido a estudar e trabalhar seu conteúdo, e que dali por diante seria responsável pelo que encontrasse na caixa. Titubeei por um momento: meus antigos quase me fizeram largá-la e fugir não sei para onde. Sabia que ali começava uma nova etapa para mim e a decisão era apenas minha. De repente, algo mais forte fez a escolha por mim. Peguei a tampa e abri a caixa: estava vazia. Sem compreender, olhei para Mathetés inquirindo-o com o olhar. Ele não agüentou, explodiu em uma sonora gargalhada e fez sinal com os olhos e cabeça como que dizendo: “É...” Lágrimas rolaram-lhe pelas faces e até curvou-se para a frente, rindo a mais não poder. Minha cara de parvo certamente provocara essa reação, mas não me importei: nunca me sentira tão bem em minha vida. Uma vibração percorria meu corpo e eu estava lúcido como nunca, assistindo a toda a cena, inclusive a mim mesmo, de uma altura inacreditável. Aprumando-se novamente, Mathetés explicou:

— Meu avô era um grande pregador de peças. Não deixou essa caixa para qualquer gato vagabundo, mas sim para os futuros Homens de Atenção. Para o homem comum, ela pode ser bonita, interessante talvez, mas vazia de sentido. Existem inúmeras réplicas à venda em diferentes lojas do mundo inteiro. Muitas pes-

soas guardam-na com carinho, achando que dela advirão benefícios. Tudo papo furado.

— A caixa tem nome? — perguntei.

— Meu avô chamou-a de “Caixa Mágica Contendo Todo o Universo”.

— Mas por que está vazia?

— Como poderia conter todo o Universo se estivesse cheia? Não acabamos de dizer que toda a manifestação universal nasceu do vazio? Esta caixa vazia contém todas as possibilidades. Qualquer pergunta que você lhe faça, produzirá uma ou várias respostas, dependendo do seu grau de compreensão. A chave para seu estudo correto é a Atenção plena. Sem ela, as respostas serão medíocres, correspondentes a seu nível de ser. Quanto mais você crescer na prática interior, mais inteligentes, hábeis e profundas serão as respostas. Dela extrairá também diferentes informações e conhecimentos práticos. Vamos fazer um teste definitivo: olhe atentamente para seu interior.

Fiz o que me ordenava. Olhei para a caixa com uma Atenção recolhida. Continuava vazia. Fiquei olhando para o vazio sem me importar com mais nada. Quanto mais olhava, mais a caixa se ampliava e o vazio, se é que se pode falar assim, também ficava maior. Pouco a pouco, suas paredes desapareceram e com elas o meu eu habitual. Havia somente aquele que percebe, que vê o vazio pleno. Um lapso de tempo passou-se. Subitamente, de um ponto da imensidão, um turbilhão vindo não sei de onde provocou um redemoinho que parecia uma cornucópia e objetos os mais variados começaram a jorrar. Mundos foram sendo criados, sóis, planetas, galáxias. Era como se eu assistisse à criação

do Universo sendo continuamente recriado. Entendi então o que Mathetés queria dizer com “a história é agora e não algo que se deu no passado”. A produção era incessante, infinda, mas em nada afetava o vazio. Eu era o único expectador dessa cena indescritível. Aos poucos dei-me conta de que não era apenas uma produção; na realidade, era mais como uma respiração. Os mundos eram produzidos por uma exalação que ia até certo ponto e depois tudo se reintegrava em seu ponto inicial como uma inalação. O processo todo iniciava-se num minúsculo átomo e crescia, crescia, crescia, até proporções infinitamente grandes; depois tudo era como que aspirado, refinando-se aos poucos e chegando novamente até sua origem primeira. Difícil descrever em palavras, mas era indiscutível que, por momentos, eu habitara a eternidade, para quem milhões de anos não fazem diferença.

Com um toque suave, Mathetés fez-me voltar a um estado de Atenção alerta, porém menos profundo. Tudo voltou à sua forma habitual, inclusive a caixa, agora não mais vazia: continha sete flores de cores diferentes e três animais de naturezas diferentes. Nesse momento entendi o que esses símbolos queriam dizer e soube também que em seguida me esqueceria, mas isso não importava. Fechei os olhos para saborear esse momento de profunda paz e quando os abri, a caixa voltara a ser vazia.

— Certa vez, você me perguntou qual a arte do Homem de Atenção, lembra-se? O que se passou com você é a grande arte: ser capaz de ver a manifestação no vazio e o vazio na manifestação. De que mais necessitamos além disso? A cada respiração, os universos são criados e se dissolvem, tendo-nos por testemunhas ocu-

lares desse processo. Somos os criadores do Universo, maravilha das maravilhas.

— Como é possível esta caixa conter tudo isso? — perguntei.

— Esta caixa é uma das verdadeiras obras de arte do Ocidente. Exigiu vários anos de intenso trabalho de meu avô, que colocou nela e nas outras duas que produziu, todo o seu poder. Ao perceber as flores e os animais, você captou a essência do que ele quis transmitir. Aliás, dos três animais, um você já encontrou há algum tempo; o outro, encontraremos em breve...

Assim falando fechou a caixa, colocou-a na sacola e fez sinal para caminharmos em uma determinada alameda do parque. Como era dia de semana, havia pouca gente. O cenário era belíssimo, o sol punha-se rapidamente, parecia que estávamos fora da cidade, a agitação e o burburinho longe de nós. Andara sozinho por esse parque inúmeras vezes, mas esse momento estava especial. Chegamos a uma confluência de três alamedas. Mathetés indicou-me uma placa onde se lia “Rua do Leão” e pediu que olhasse atrás das folhagens. Embora tivesse estado lá tantas vezes, nunca notara que, meio escondida, havia uma estátua em mármore de um majestoso leão. Encontrava-se amarelada e escurecida pelo tempo, mas quem quer que a tenha esculpido conhecia bem seu ofício. Não havia placa alguma.

— Seu leão é igual a este — disse Mathetés casualmente.

— Como assim? Não tenho nenhum leão — retruquei.

— Claro que tem, exatamente no meio do peito e duro e frio como esse aí. Ademais, também está sujo

pela ação da intempérie. Na realidade, tanto a estátua como esse ponto intermediário de seu tronco carecem de vida, são apenas o arremedo de um verdadeiro leão.

Dei-me conta, nesse instante, de que a energia represada e dura que apertava-me o plexo solar atingindo garganta e barriga, era um problema central em minha vida e na de todo ser humano. A contemplação da estátua e as palavras de Mathetés fizeram-me compreender quão impenetrável é essa região. De relance, vi os ódios, frustrações, medos, ciúmes, broncas, desconfianças e negatividade de todos os tipos instalados nessa parte de meu ser e percebi que eram como uma casca que me separava do mundo, das outras pessoas e, no final das contas, de mim mesmo.

— Como se formou essa casca? — quis saber.

— Através do contato com seres humanos anestesiados. Desde seu nascimento, cada pessoa que se aproximou foi um professor que inoculou em você, por emanção direta inconsciente, essa frente separadora. A concha foi se enrijecendo até fechar-se quase definitivamente, escondendo a rica pérola em seu centro. Nesses anos todos, ninguém teve competência para ensinar-lhe que você não é isso, você não é a casca.

— Que pérola é essa?

— É sua alma, aprisionada e fechada no escuro, quase sem ar, e que há longos anos espera em sofrimento que você se interesse por ela e abra a concha.

— Como fazê-lo?

— Tudo o que você tem treinado e praticado desde nosso primeiro encontro é com essa finalidade.

Pareceu-me que ia dizer algo mais, mas calou-se e deu um toque seco e suave no centro de minhas costas. Minha Atenção recolheu-se mais profundamente e de imediato senti a força que havia no meio do peito. Mathetés pediu-me que montasse o leão de mármore e assim o fiz. Senti a rigidez e frieza da pedra. Aos poucos, porém, pelo contato direto e pelo efeito de minha Atenção desperta, o leão começou a ganhar vida, o que me deixou atônito. Um rugido tonitruante saiu de sua garganta, não com o intuito de assustar-me, mas para fazer-me sentir sua força. Seu corpo começou a vibrar e um calor intenso aqueceu suas veias. Os músculos estiraram-se e as pernas ensaiaram os primeiros passos. A pedra fria começava a movimentar-se. Olhei para baixo e contemplei-o: era soberbo, perfeito, a imagem da nobreza e da lealdade. Uma estranha cavalgada começou então nesse fim de tarde. O magnífico animal levou-me em seu dorso a todos os cantos do parque, servindo-me com uma alegria exuberante, sem nada esconder e querendo demonstrar que eu era seu senhor e amo. Não existiam em mim pensamentos de posse, era um reencontro de dois amigos após longos anos de separação. Passado algum tempo, voltamos para o local onde Mathetés nos aguardava. A um sinal, desmontei e o leão voltou a seu pedestal; havia cumprido seu papel. Afastamo-nos calmamente, em silêncio, desfrutando o momento especial do crepúsculo. Chegamos a uma das saídas do parque, de onde se via o imponente obelisco dedicado aos heróis da Revolução Constitucionalista, um quadrilátero pontiagudo de 74 metros de altura, visível de diferentes pontos da cidade.

— Observe — disse Mathetés — como uma cidade é cheia de símbolos que contam coisas. Para um Homem de Atenção, tudo tem significado, tudo ensina.

O obelisco jamais me dissera nada, mas agora sim, dizia. Representava, além de outras coisas, a própria natureza humana que quer despertar, brotando da terra, de sua parte mais profunda e vasculhando o espaço vazio lá no alto. Era o símbolo mudo da união entre o Céu e a Terra. Fiquei momentos nessa contemplação. Como tudo era novo... Virei-me para comentar algo com Mathetés, mas, para minha surpresa, ele já se fora, deixando a meu lado a caixa, herança dos Gurcos. Era mesmo o senhor da estratégia, tinha o "timing" certo em tudo o que fazia. Sabia o momento exato de aparecer e de retirar-se.

Fiquei sozinho com minha nova compreensão.

Mundos Paralelos

Uma noite, Mathetés convidou-me para jantar em um restaurante francês dos Jardins. Como já mencionei anteriormente, nossos encontros davam-se sempre em cenários os mais variados, já que, segundo ele, todo ser humano devia experimentar e usufruir o que o mundo tem para oferecer, desde que não comprometa sua dignidade física e moral com ingestão de drogas, desvios sexuais de qualquer tipo e atos que prejudiquem seus semelhantes. Fora isso, os conceitos de bom ou mau são apenas nossas interpretações pessoais da realidade: o ótimo para um pode ser péssimo para outro.

O local escolhido era bonito e agradável e a comida, famosa pela qualidade e requinte. A casa estava cheia e Mathetés preferiu uma mesa de canto, para que não fôssemos perturbados pela movimentação e de onde pudéssemos observar o salão. Em tudo o que fazia, usava de estratégia e colocava-se sempre em posição privilegiada. “Um Homem de Atenção”, dizia, “nunca deve ficar na mão do acaso; mesmo um acontecimento inesperado não o colhe de surpresa, pois aquilo a que chamamos surpresa é apenas um momento de susto em um estado geral de adormecimento. Para quem está naturalmente atento, as surpresas não existem; os acontecimentos apenas desenrolam-se e dispomos de tempo e espaço suficientes para lidar habilmente com eles. Trata-se apenas de uma questão de desenvolver a habilidade justa e a estratégia correta”.

Enquanto tomávamos o aperitivo, pediu que eu observasse discretamente as pessoas que circulavam e jantavam no salão. Viam-se os mais variados tipos de uma classe abastada. Falavam e agitavam-se muito, como que impulsionados por um estranho nervosismo. Mencionei isso a Mathetés que, com um meneio de cabeça, desaprovou o que chamou de minha pequena capacidade de observação.

— Ver é a maior arma de que um Homem de Atenção dispõe. Ver além das aparências é uma de nossas maiores conquistas. O homem comum, adormecido, detém-se na forma exterior, como você o fez. O Homem de Atenção vê o âmago das coisas, enxerga o motivo básico de tudo. Calou-se por um instante refletindo e depois perguntou:

— Você já ouviu falar em mundos paralelos?

— Creio que sim, li alguma coisa sobre isso em contos de ficção científica, não me recordo do autor.

— Não estou falando dessas fantasias escritas por masturbadores profissionais, que não nos levam a parte alguma. Neste momento mesmo, dois mundos paralelos estão se desenvolvendo lado a lado. Você é capaz de vê-los e senti-los?

Como sempre, as questões levantadas por Mathetés deixavam-me e a outros companheiros embasbacados, pois exigiam que buscássemos as respostas em zonas mais profundas de nós mesmos. Sabia que uma resposta qualquer, apenas cerebral, não o convenceria. Vendo que eu não encontrava nada para dizer, prosseguiu:

— Olhe a seu redor, sem pensamentos associativos. Tenha uma visão global do que está ocorrendo.

Tratei de fazer o que me pedia, mas as cenas vistas eram como que aprisionadas por palavras e imagens; não conseguia ver além das aparências, tudo continuava corriqueiro e habitual.

— Você vive aprisionado em seu mundo verbal. Quase nada do que é real passa através dele. Cada pessoa que você vê neste salão vive em seu mundo particular, ilusório e verbal. — Apontou discretamente um casal que conversava, com uma expressão amorosa no rosto e continuou: — Aqueles dois, que parecem se amar e se entender, habitam mundos completamente opostos, com conceitos, hábitos e reações totalmente pessoais e subjetivas.

— Mas aparentemente estão se entendendo...

— Aparentemente, apenas. Estão movidos por algum objetivo comum momentâneo, tipo desejo sexual, medo da solidão, carência afetiva, ou qualquer outro. O que está na cabeça deles não é real, é apenas seu mundo particular. Mostre-me mil pessoas e mostrar-lhe-ei mil mundos diferentes.

— Mas isso é normal, não? Todo ser humano deve ter concepções que o guiem na vida.

— É habitual, não normal. Por essa razão, estamos começando a falar em mundos paralelos.

— Que é isso afinal? — perguntei.

— Na realidade, existem dois mundos, um ao lado do outro. O primeiro é o do silêncio, da plenitude, da paz, da vastidão da não-carência. O outro é o do constante fazer, do tenho que, da produção, da agitação, do ter que ser melhor, do ter que bater recordes, etc. Podemos chamá-lo simplesmente de mundo do desejo, no qual o homem comum vive e do qual é depen-

dente. Às vezes, escuta falar do primeiro através de contos de fadas, de sonhos e de relatos deixados em livros por buscadores, mas não sabe como penetrá-lo. Faltam-lhe conhecimento e poder para isso.

— De onde vêm o conhecimento e o poder? — emendei.

— Do próprio silêncio, fonte de tudo. Mas como o homem anestesiado não sabe da existência do mundo real, precisa receber o conhecimento através de intermediários, ou seja, dos Homens de Atenção. Estes surgem no mundo após um longo preparo e conseguem pôr em palavras aquilo que é indizível, que não se deixa limitar por palavras. Nosso grande esforço, enquanto Homens de Atenção, é no sentido de renovar nosso vocabulário. As fórmulas antigas ficam mecânicas e perdem o efeito. É necessário dar sempre um novo alento, em forma de novas colocações baseadas em princípios eternos. O homem comum vive imerso em seu sono letárgico e debate-se com toda a força para não acordar; a tarefa do instrutor é despertar a humanidade adormecida.

— É possível despertar a humanidade como um todo?

— Não. Apenas um número reduzido de seres humanos estão interessados em alçar-se. Mas o que conta não é a quantidade de pessoas e sim a qualidade. Mais vale um pequeno número que trabalhe com ardor e esforço para compreender a razão e o objetivo de sua existência, do que uma multidão imersa em seus anseios, expectativas e medos, acreditando que comer, beber, dormir, procriar e ganhar seu sustento vão levá-la a alguma parte. O mundo do silêncio leva à vida eterna; o do desejo, à inexorável destruição.

— Para um leigo isso soa muito elitista: o caminho interior é para poucos...

— Não disse isso. O caminho interior, ao contrário, é o mais democrático possível, aberto a quem quiser. No entanto, querer é o problema, pois pouca gente quer. Agora, para quem realmente está interessado, as portas se abrem uma após outra.

— O que barra o mundo do silêncio para o homem médio?

— Nada barra a manifestação do mundo do silêncio, mas o homem comum está apartado dele pela agitação e barulho nos quais vive imerso. O mundo do silêncio é o da finura, da sutileza, assim como este restaurante é para paladares refinados.

A última frase trouxe-me à lembrança o local onde nos encontrávamos. Escutara com tanta atenção os ensinamentos de Mathetés, que me abstraía de todo o movimento ao redor. Sua forma de expressão era tão magnética, que me transportava para um nível mais alto de percepção. Mathetés já havia pedido a entrada, a comida e o vinho. Sua Atenção era a tal ponto desenvolvida, que conseguia fazer várias coisas ao mesmo tempo, sem perder o fio central de sua explanação.

A entrada acabara de chegar: “Escargots à provençale”, iguaria finíssima que me trazia impressões extremamente agradáveis e lembranças fortuitas de um longínquo passado vivido na França. O molho estava perfeito. Senti aquele momento como único.

— Fico contente que você esteja apreciando a finura da comida, pois na verdade o trabalho interior de um Homem de Atenção tem tudo a ver com a apreciação dos diferentes alimentos.

— Como assim? — perguntei.

— O mundo é um imenso restaurante onde tudo alimenta tudo, onde você come e é comido. Comemos o mundo através da comida, do ar e do que nos chega pelos órgãos dos sentidos. Esses alimentos transformam-se dentro de nós e produzem as diferentes energias necessárias ao trabalho, procriação, etc. Para o homem comum, isto basta. O Homem de Atenção, porém, pode retirar muito mais dos alimentos e desenvolver dentro de si um corpo sutil, bem mais amplo do que o corpo físico, e com mais poderes.

— Que corpo é esse, como se chama?

— Lá vem você com seus nomes. Para você, o que não é falado e nomeado não tem existência; entretanto quanta coisa existe no mundo não verbal. Este novo corpo tem diferentes nomes, mas podemos chamá-lo simplesmente de Corpo de Sensação, denominação mais tangível e mais a nosso alcance. Esse corpo é a entrada para o mundo paralelo e é a partir dele que o mundo real começa a revelar-se. Sem ele, permanecemos sempre no mundo superficial, como um navegador que chega à praia de um país desconhecido e se contenta em ficar por ali, acreditando ter chegado ao fim de sua jornada, esquecido de que o interior do continente está à sua espera para ser desbravado.

— Já nascemos com esse Corpo de Sensação?

— Nascemos apenas com sua possibilidade. É necessário um longo trabalho de recolhimento de Atenção para que paulatinamente ele vá se desenvolvendo dentro de nosso corpo físico concreto. É como um bebê que precisa alimentar-se diariamente de substâncias muito finas, provenientes dos três tipos de alimentos

que citei. Mas as substâncias finas só produzem efeito se você, enquanto Atenção, não se confundir mais com seu mental, emoções, estômago e sexo.

— Um longo trabalho, não?

— E se levar trinta vidas, qual o problema? Você está no mundo para isso. Paciência é sinônimo de sabedoria. Não desanime com aparentes fracassos.

— Por onde começar?

— Você já vem praticando nessa direção há anos, mesmo sem sabê-lo. Comece sempre pela sensação e pelo sentimento de Eu sou.

— Essa afirmação não fica apenas no nível mental?

— Se for apenas uma afirmação mental, de nada serve. É necessário, repito, a sensação e o sentimento de *Eu sou*. Isso dará um novo brilho a seu ser. Repare, ninguém aqui dentro tem esse brilho, estão todos perdidos em seus mundos exteriores, apenas atrás do prazer.

— Mas — objetei — o prazer é a melhor coisa da vida, por que não correr atrás dele?

— Porque é limitado e transitório, tão efêmero como correr atrás de bolhas de sabão; não há fim nessa corrida, é uma grande ilusão. O sofrimento é o pano de fundo do prazer. Toda busca do prazer nasce e termina no sofrimento. Esse mundo que você vê é a morada do desejo e do medo e nele a paz não pode ser encontrada. Para encontrá-la é necessário aprender a entrar no mundo paralelo, invisível.

— O que há de errado com este mundo que o senhor tanto critica?

— Não há nada de errado com ele, só que é feito apenas de sonhos, nada permanece, tudo muda a todo instante. É a morada do falar. Fala-se o tempo todo e só o que é dito e escrito tem existência. No mundo paralelo, real, ao contrário, tudo é permanente e imutável, o silêncio canta e o vazio é pleno. Cada pessoa aqui presente está sonhando seu sonho particular, embriagada pelas energias que a animam neste momento.

— O senhor também vive no mundo dos sonhos?

— Não. Minha base é no mundo real, eterno e imutável. É ele que dá sentido ao mundo dos sonhos, é dele que se projeta o mundo sonhado. Encaro comer e beber aqui com você, por exemplo, como uma pequena mudança passageira, que em pouco não deixará rastro e se esfumará como um sonho.

— Mas o senhor tem que alimentar o corpo físico, afinal o senhor está dentro dele, não está?

— Não sou eu quem está no corpo físico, é ele que está dentro de mim e isso porque ainda o acho interessante. Alimento-o, porque ele é minha ligação com o seu mundo e com as outras pessoas. A grande incompreensão do homem adormecido é acreditar ser o corpo físico. Ao ver-se no espelho, pensa “eu”, esquecido de que esse corpo é apenas um veículo de locomoção e de ligação com este nível planetário. Quando vemos uma pessoa dentro de um automóvel na rua, não dizemos vi o Sr. Volkswagen ou o Sr. Fiat passando; dizemos simplesmente, vi Fulano de Tal dentro de um carro tal. Não confundimos o veículo com seu passageiro.

— Essa idéia de veículo é até certo ponto digerível para mim, mas não consigo aceitar que o corpo esteja dentro de mim. Isso atinge as raias do absurdo...

— Imagine o céu e o planeta Terra como uma esfera girando sobre si mesma e em torno do sol. Onde está o corpo visível da Terra? No espaço sem forma, sem nome, incomensurável. No entanto, podemos dizer que o planeta Terra é uma solidificação do espaço, como todos os outros planetas, sóis e galáxias. Podemos dizer que o espaço é a verdadeira natureza da Terra e de todos os corpos; se ela explodir e desaparecer, só restará o espaço que a contém. Da mesma forma, você e eu somos o espaço profundo, momentaneamente separados por um efêmero corpo concreto.

— Na verdade, não me sinto espaço.

— Porque você vive eclipsado por seu corpo físico e pelas necessidades, sofrimentos, preocupações e angústias nele contidos.

O garçom chegou com nossos pratos: “Chateaubriand Sauce Béarnaise” para mim e “Fricassé de Poulet” para Mathetés. Comemos em silêncio, enquanto degustávamos um maravilhoso Chambertin. A conversa deixara-me em um estado de vibração interior muito aguçado. Embora estivesse com fome, era como se não precisasse de alimento sólido. A influência exercida por Mathetés era alimento puro. Sentia que minha compreensão havia dado um salto imenso desde o momento em que entráramos no restaurante.

Foi então que comecei a ouvir o som de uma flauta, tocada por alguém que captara a magia do momento. A música entrava pelo topo de minha cabeça e descia com uma intensidade única. Estranhamente, a vibra-

ção relaxava todos os pontos rígidos de meu corpo. Mathetés acompanhava calado minha experiência; apenas fez-me sinal para que não parasse de comer e beber. A origem da música intrigava-me. Não me parecia um som originado naquele local, parecia vindo de um outro mundo. Tentei virar-me para ver quem estava tocando, mas Mathetés sussurrou-me ao ouvido:

— Não é necessário virar-se, não há ninguém tocando. Esse é o som do mundo paralelo, desfrute-o.

A vibração extravasou meu corpo físico e expandi-me. Perdi meu contorno conhecido, tornando-me do tamanho do recinto. Preenchia todos os cantos e sentia diretamente os acontecimentos e pessoas presentes. Percebi sem olhar que não havia flauta nem flautista. Eu era o espaço da sala e, ao mesmo tempo, meu corpo comia ao lado de Mathetés. Um longo tempo passou-se até que a música foi sumindo e meu tamanho reduziu-se ao do corpo físico. Nessa volta senti, por um instante, quão pesado e limitado é esse corpo que carregamos. Ameacei falar de minhas constatações, mas Mathetés fez-me sinal de silêncio, enquanto sacava do bolso do paletó uma caixa de óculos, colocando-a sobre a mesa. Fiquei intrigado, pois sabia que ele não usava óculos. Olhou para mim e sorriu como que adivinhando meus pensamentos. Sabia que eu observava todos os seus atos, como uma criança que olha o pai querendo imitar seus gestos. Entretanto, sabia que não era uma questão de imitar, mas sim um sorver cada intenção por trás de seus movimentos. Ele nada fazia que não fosse intencional e esse intencional não era um “*arrière pensée*”, era sua forma natural de ensinar, pois ele era a própria encarnação do ensinamento. Nós, pobres homens adormecidos, não avaliamos quão mara-

vilhoso e comovente é ter à nossa frente um ser que encarna o eixo do mundo, ao mesmo tempo em que vive plenamente no mundo do vir a ser e das energias, sendo, na realidade, o senhor dessas energias.

Terminamos de comer e bebemos o último gole do precioso vinho. Mathetés pediu que eu escolhesse a sobremesa. As opções eram variadas, mas meus olhos e meu estômago fizeram-me decidir por “*Poire à Belle Helène*”, o que aparentemente agradou-lhe. Enquanto esperávamos, perguntei o significado daquela caixa de óculos.

— Veja por si mesmo — respondeu.

Tirou os óculos de dentro da caixa e passou-os para mim. Peguei-os, revirei-os e percebi que não eram lentes de grau, mas de uma espécie estranha de vidro transparente, com armação rústica, talvez de osso. Fiz menção de colocá-los, mas Mathetés impediu-me:

— Antes de experimentá-los, devo contar-lhe seu significado. Aparentemente, são óculos comuns, sem grau. Eu mesmo os fiz, de cabo a rabo. Antes de enxergar a realidade como a enxergo hoje, recebi instruções deixadas por meu avô, para que confeccionasse estes óculos com minhas próprias mãos e esforço pessoal. Seu nome é *Âmbik*, espécie de janela através da qual se pode ver o mundo exterior, como se estivéssemos habitando definitivamente o mundo paralelo. Através do *Âmbik*, vê-se o mundo dos fenômenos diretamente, sem intermediários. Quem o colocar terá uma visão direta da realidade. Sua confecção não foi fácil. A armação foi esculpida de um pedaço de marfim antigo, retirado de um elefante cuja morte foi natural e tranqüila. Esse ponto é importante, pois uma morte

violenta provocaria uma série de contrações e angústias no animal, que se depositariam em suas presas, tornando-as más condutoras de energias finas. Mais difícil do que isso, foi fazer este vidro, pois não é bem um vidro, é uma fusão de dois produtos diferentes. Para obter o primeiro, fui ao alto do Xingu contatar um guia índio, que me levou floresta adentro. Andamos 28 horas até encontrarmos uma árvore conhecida pelo nome de Matka, de cujo topo extraímos uma resina especial, finíssima, de cor branca, totalmente desconhecida da maioria das pessoas. É praticamente impossível segurá-la com as mãos, por isso levei comigo uma caixa hermeticamente fechada, na qual a colhi através de uma pequena abertura própria para esse fim. Nenhuma outra substância podia penetrar na caixa, a fim de não danificar a resina. O segundo produto levou-me até o interior do Estado de Minas Gerais, em busca de um calcário raro chamado Tejas, do qual fiz um pó extremamente fino e puro, que misturei à resina. Os dois produtos pareciam famintos um do outro, pois assim que os coloquei em contato, combinaram-se imediatamente. Amassei manualmente a mistura por longo tempo, com muita atenção e cuidado. Quando a pasta chegou ao ponto certo, cortei-a no formato dos vidros do Âmbik e coloquei-a em um forno de alta temperatura, que já tinha em meu ateliê para outros usos. Na temperatura e tempo certos, a pasta transformou-se nesse vidro transparente que você está vendo.

— Quanto tempo durou este trabalho todo? — perguntei.

— Numa primeira etapa, dez anos.

— O senhor ainda o utiliza?

— Não, hoje não necessito mais de nenhum objeto exterior para ver e viver no mundo real, vivo nele o tempo todo. De qualquer forma, guardei o Âmbik para pessoas como você, que estão começando a trilhar o caminho; é sempre uma indicação do que ver e de como ver. Experimente-o e se gostar confeccione um igual.

Já me preparava para experimentá-lo, mas a sobremesa chegou e Mathetés achou melhor comermos antes. Ponderou que, após colocá-lo, teríamos que sair imediatamente do local, sem tomar café, pois este não combina com o estado de vibração interior que o Âmbik provoca. Recomendou que eu saboreasse calmamente a sobremesa, sem pensar em nada e sem angústia e tensão pelo que viria depois. Apesar do aviso, ou talvez pelo tom de advertência no qual fora proferido, senti-me tenso como um condenado a caminho da execução. Dada a aflição que me assolava, não senti sabor nenhum nas primeiras colheradas da pêra, que me passava pela garganta com dificuldade. Um suor frio brotava em todo o meu corpo, como se estivesse prestes a passar por um exame. Não entendia a razão desse estado. Lendo-me como a um livro, Mathetés falou em tom compreensivo:

— Vendo-o assim, tremendo como uma britadeira, lembrei-me de uma estória passada num país longínquo, há muito tempo. Um homem, acusado de matar seu melhor amigo, foi condenado à força. Passou meses em sofrimento profundo à espera do dia fatídico. Comia mal, como você agora, dormia mal, vivia tenso e agitado. A simples lembrança do que o esperava, deixava-o lívido. Passava o tempo na mais profunda desesperança, queixando-se e lamentando-se de sua sor-

te. Não podia aceitar de forma alguma o encontro com a morte. Uma noite, contudo, um ser luminoso apareceu-lhe em sonho e pediu-lhe que relatasse seu infortúnio. Despejou sua história, seu amargor e finalmente se pôs a chorar. O ser olhou piedosamente para ele e disse: “Como sempre, você está enxergando apenas um lado da questão. Veja agora o outro, a enorme vantagem que você leva sobre as outras pessoas. Todos, sem exceção, são condenados à morte desde que nascem, mas não sabem o dia e a hora em que vão morrer. Por isso, sem nenhuma consciência, julgam-se eternos, vivem na doce ilusão de que seu dia jamais chegará. Isso os torna seres fracos, débeis e tímidos. Você, ao contrário, sabe exatamente o dia em que vai morrer e isto pode trazer significado a todos os seus atos daqui para a frente. Para você, nada mais será banal. O simples abaixar-se para pegar um objeto será significativo e poderá deixá-lo mais próximo da fonte imperecível de seu ser. Tendo apenas três meses de vida, aproveite cada minuto, viva cada segundo, mas, lembre-se: sem avidez”. Assim falando, desapareceu.

Tocado por essa visão-sonho, o condenado começou, logo ao acordar, a executar cada movimento, cada gesto, com uma Atenção tranqüila, sem preocupar-se com mais nada. Seu rosto, ombros, braços e pernas foram aos poucos perdendo o excesso de tensão ao qual se haviam habituado. No primeiro mês, descobriu o significado de um mental claro e silencioso e desde então as dúvidas não mais o incomodavam. Mesmo quando alguma antiga, recalcitrante, aparecia, tratava-a como uma nuvem passageira cruzando um céu calmo. No segundo mês, seu corpo inteiro conheceu o significado de um relaxamento expansivo. Seus músculos, ór-

gãos, tecidos e células recebiam a garoa que descia do mental desobstruído. No terceiro, seu peito conheceu o fogo regenerador, pois até então conhecera apenas o consumidor. Suas dívidas foram pagas; não existiam mais mágoas, broncas e medos. Um calor regenerador e benfazejo unia definitivamente o mundo superior ao inferior. Levou oitenta dias para chegar a esse ponto. No último dia do terceiro mês, o carrasco veio cumprir sua missão. Pensando encontrá-lo desesperado, estranhou ao deparar-se com um homem calmo, tranqüilo, disposto a enfrentar a morte. O assassinato de seu amigo não mais lhe pesava. Lavara a culpa interiormente, faltava-lhe agora pagar por seu ato exteriormente. Caminhou livre para a praça pública onde o cadafalso estava montado. Subiu as escadas com passos decididos e não deixou que lhe vendassem os olhos. Pegou a corda e colocou-a no próprio pescoço; como era áspero seu toque... Projetou-se no abismo por si mesmo. Seu corpo debateu-se, o ar não entrou mais e o torpor da morte espalhou-se. Presenciou até o segundo final todos os pensamentos, sensações e sentimentos que passaram por si. Uma felicidade imensa o banhava. Não existia mais dualidade de espécie alguma. A experiência de um corpo concreto chegara ao fim. Compreendia, afinal, que jamais nascera e portanto não acabara de morrer. Como era maravilhoso ter um corpo! Que notável estar livre da ilusão de um corpo!

O conto tocara-me diretamente no sentimento e voltei a ser mais senhor de mim mesmo. Mathetés apertara os botões certos e, como sempre, transformara meu estado interior. Uma calma profunda e silenciosa instalou-se em mim. Acabei de comer a sobremesa, cujo

sabor finalmente se revelara, enquanto Mathetés preenchia o cheque para pagar a conta que o garçom trouxera pouco antes. Logo depois, com naturalidade, passou-me o Âmbik. Coloquei-o como se fossem óculos. De imediato, tive a sensação de estar com os pés em dois mundos, o de fora, com toda a sua manifestação agitada e barulhenta, e o de dentro, profundamente silencioso. Tinha vivido toda a vida em um só, iludido por ele. Agora, era como se estivesse no centro do Universo. Os objetos e pessoas pareciam mover-se em câmara lenta, num mundo difuso, irreal e cambiante. Nada havia que realmente pudesse grudar-me a ele, nada que me interessasse. Porém, uma coisa espantosa chamou-me a atenção: todas as pessoas, à exceção de Mathetés, assemelhavam-se a sombras fantasmagóricas, sem viço, desprovidas de luz própria. Observando melhor, tinham um brilho eclipsado em três pontos do corpo: cabeça, peito e ventre. Esses pontos encontravam-se envoltos por círculos escuros, que absorviam a luz vinda do interior, e não deixavam que extravasasse, emprestando uma tonalidade sombria e tristonha a cada homem e mulher. Através do Âmbik, constatei que todo ser humano, embora não o soubesse, era um poço de sofrimento e angústia, prisioneiro desses círculos. Toda a alegria do ambiente era, eu entendia agora, um sofrimento disfarçado.

— Mathetés sussurrou em meu ouvido:

— Nós, humanos, somos felicidade plena, apenas quando esses três círculos que nos aprisionam se entrelaçam e a luz, nossa verdadeira natureza, volta a brilhar. Olhe à sua esquerda e veja quem está entrando pela porta dos fundos.

Uma luz brilhante caminhava em nossa direção. Não percebi os contornos do corpo, mas vi um caminhar

feliz, pleno e confiante. Sentou-se ao lado de Mathetés. Era uma mulher, sua companheira inseparável, a coisa mais linda que já vira em minha vida. Não conseguia desviar os olhos dela. Apaixonei-me perdidamente. Era como se tivesse finalmente encontrado a mulher, o ser feminino que sempre buscara. Não era um amor sensual, era uma ânsia vinda do fundo do peito. Era a primeira vez que a via, mas parecia conhecê-la desde sempre. Transmitia uma sensação e um sentimento de plenitude jamais experimentados. Meu corpo todo vibrava com sua presença, uma vibração tão intensa que pareceu-me não poder agüentá-la por muito tempo. Completava-me e dava sentido à minha vida, até então tão sem propósito. Não pronunciei uma só palavra, mas quão eloqüente era sua presença! Junto a ela, tudo o que não fosse ela perdia o interesse; junto a ela, o mundo ficava belíssimo. O verdadeiro sentido da vida era estar a seu lado. Compreendi, nesse momento, por que era a companheira perfeita de Mathetés. Senti meu corpo começar a agitar-se e a vibrar estranhamente, como se eu ainda não estivesse preparado para um encontro tão definitivo.

Mathetés olhou-me compreensivamente, percebendo o que se passava no meu íntimo e, sorrindo suavemente, tirou o Âmbik de meu rosto. Tudo mudou. Ela desapareceu e meu olhar voltou à sua banalidade costumeira. Senti-me muito cansado e uma onda nostálgica invadiu-me o coração e os pensamentos. Mathetés pegou-me pelo braço e puxou-me até a saída. Lá fora, pedi-me que respirasse profundamente três vezes e ensinou-me um movimento de esticar os braços para cima, o que arejava o plexo solar. O exercício, associado ao ar fresco da noite, reanimou-me. Cami-

nhamos um longo pedaço. Meu corpo necessitava dessa caminhada, havia sido tocado por energias muito finas, que precisavam ser metabolizadas. Já estava quase em minha forma habitual, mas a lembrança dela, sabia, me atormentaria pelo resto da vida. A partir desse encontro, seria o objetivo de minha existência, não queria mais viver sem ela; era a princesa dos contos das Mil e Uma Noites, o encanto dos poetas, que raramente conseguiam entrevê-la, o objetivo secreto de toda a humanidade, que a procura sempre onde ela não se encontra.

Nosso caminhar silencioso já durava meia hora. No final, a pergunta tornou-se inevitável:

— Quem é ela?

— Você quer mesmo saber?

— Claro — respondi — quero saber por que me apaixonei tanto.

— Você acreditará se eu lhe disser?

— Acreditarei.

— Ela é você!

— Como assim?

— Não me pergunte mais nada. Você compreenderá no momento certo, pois já tem dentro de si todos os elementos para isso. É apenas uma questão de tempo.

— Por favor, antes de nos separarmos, uma última questão: ela tem nome?

— Tem. Para os que a conhecem e habitam no lado oriental do Planeta, ela se chama *Ananda**. Para você, que mora deste outro lado, seu nome é *Beatriz***.

Meu
Segundo Nascimento

* “Estado interior de beatitude e plena felicidade” em sânscrito.

**Idem em latim.

Fazia 15 dias que não via Mathetés. Assuntos particulares diversos e viagens constantes impossibilitaram um encontro pessoal, mas, apesar da distância, sentia quase palpavelmente sua presença irradiante a meu lado. Praticava diariamente, sem exceção, os exercícios que nos ensinara nos últimos anos. Essas práticas emprestavam um colorido especial ao meu cotidiano. Cada dia era como uma vida nova que começava e não uma repetição enfadonha de um dia após outro. As pessoas comuns com as quais lidava eram tragadas pelo tempo, vivendo cada dia sem sentir a qualidade específica daquelas 24 horas. Aliás, uma das idéias fundamentais que aprendi com Mathetés é que o tempo é qualitativamente diferente em diversos momentos do dia, da semana, do mês e do ano, mas, para percebermos essa diferença, é necessário um contato profundo com nosso próprio corpo. Ademais, em cada momento temos uma possibilidade única, que não se repetirá no seguinte. Para nosso pensar habitual, o tempo é apenas um fio contínuo em que os acontecimentos se somam, deixando atrás de si uma fileira histórica apenas coerente.

Em nosso último encontro, Mathetés havia feito uma observação que me deixara preocupado. Após olhar-me longamente, disse ver pequenas manchas sombrias à minha volta, que indicavam prováveis perigos pela

frente, inclusive com risco de vida. Acrescentou, porém, que eu não tentasse evitar o curso dos acontecimentos, já que isso seria impossível, o mesmo que tentar segurar água com as mãos. Poderia sim, estar suavemente atento a cada ato realizado durante o dia e, mesmo nas situações mais difíceis, tentar lembrar-me de mim mesmo. Se possível, lembrar-me dele Mathetés e chamá-lo pelo nome; de alguma forma, haveria de ajudar-me. Na ocasião, isso pareceu-me absurdo. Meu mental racional não compreendia nem aceitava qualquer coisa que não fosse lógica e isso estava longe de sê-lo. Aliás, Mathetés referia-se à lógica como “um circuito fechado dentro de nossa cabeça, que serve muito bem para usos práticos de todos os tipos, mas não para uma realização pessoal mais profunda, nem para o conhecimento do mundo real”. Eu já havia enfrentado situações e passado por experiências em que a lógica nada explicara, mas mesmo assim, acabava caindo prisioneiro dessa forma de pensamento. Durante anos, meu trabalho foi tentar alçar-me do rio incessante de pensamentos que flui por nossa cabeça. Ouso dizer nossa, pois aprendi, a duras penas, que essa é a característica central do homem contemporâneo: somos um amontoado de idéias associativas que giram como uma roda, o tempo todo, deixando-nos ocupados e sem espaço, impedindo nossa possibilidade de um sentimento para com o mundo e com os outros, bem como uma sensação real e justa de nosso corpo.

Em uma fria sexta-feira de inverno, em que o sol teimava em não aparecer, precisei ir até Interlagos, zona sul da cidade. Como era longe e queria voltar rapidamente para cuidar de outras atividades, subi em minha velha moto BMW de fabricação alemã, antiga pai-

xão que sempre me trazia boas experiências. As primeiras aceleradas fizeram-me sentir seu potente motor. O vento batendo em meu corpo bem agasalhado fazia-me recuperar o vigor meio perdido durante a estafante semana de trabalho. Apesar da poluição, do barulho e do trânsito, “cavalgar” a moto pelas ruas da cidade trazia-me um genuíno contentamento por estar vivo. Para muitos, a moto representa apenas perigo, mas para quem sabe pilotá-la transmite uma sensação de liberdade espacial. Não há trânsito que a detenha, é fácil estacioná-la e as distâncias tornam-se menores.

Desci a Avenida Nove de Julho até o fim, peguei a Cidade Jardim, atravessei a ponte e entrei na Marginal. Os 5 quilômetros seguintes foram uma experiência de liberdade quase total. Como de hábito, ia a uma velocidade moderada e praticava o desgrudar dos pensamentos associativos. Ajudado por essa prática, experimentava uma sensação muito forte e clara de meu corpo. A paisagem passava rapidamente. O ar entrava e saía de minhas narinas de uma forma natural e tranqüila. A máquina comandada pelas mãos e pelo equilíbrio era uma extensão de meu corpo; sentia as pequenas ranhuras no asfalto, inclusive o toque dos pneus em minúsculos grãos de areia. Eu era um bloco de sensação viva locomovendo-me no espaço. Tudo o que chegava até mim era recebido por essa “bolha de sensação” e nada escapava a essa forma de percepção esférica. Vivia um momento excepcional e privilegiado, como aliás deveriam ser todos os momentos de nosso dia-a-dia. Mas, para que isso seja possível, é necessário um longo trabalho de libertação das invencionices inculcadas há séculos, através de conceitos, hábi-

tos e emotividade. Atrás de nossa armadura associativa mental, de nossas emoções ásperas e de nossa rigidez física, pode-se tocar um mundo silencioso e calmo, que traz equilíbrio e sentido para o mundo da agitação e do constante fazer.

Refletia sobre isso tudo enquanto vencia o trecho que me levava a Interlagos. Por obra do destino, próximo ao quilômetro 6, rompeu-se o fino equilíbrio que me mantinha exatamente como em um fio de navalha entre esses dois mundos aparentemente antagônicos — o silencioso, luminoso e o do constante vir a ser. Mathetés insistia que o mundo do dia-a-dia deve ser transformado pela influência da paz que vem do fundo de nós mesmos, ao mesmo tempo em que nos alertava para a coexistência dos dois mundos e para o perigo da perda do equilíbrio entre eles. Explicara que a perda desse equilíbrio pode ser fatal, pois, habitualmente, em nosso estado de vigília, nossa mente, emoções e corpo funcionam automaticamente e desincumbimo-nos com pouca atenção dos acontecimentos que nos envolvem. Quando, porém, penetramos no outro mundo, podemos esquecer-nos do mundo da ação e nele sofreremos as conseqüências desse esquecimento. Foi o que se deu comigo. Por um tempo indefinido, segundos talvez, esqueci-me de onde estava, o que fazia e quem era. Estava perdido em uma paz fora deste mundo, em alguma galáxia particular. Acordei com uma guinada violenta do guidão para a direita. A dura realidade do mundo como que se vingava por ter sido abandonada, excluída de minha beatitude momentânea. A moto derrapou e fui projetado para a esquerda.

Devido à prática que vinha executando, estava lúcido ao extremo. Era como se tudo se desenrolasse em

câmara lenta e a cena não tivesse nada a ver comigo. Aterrissei maciamente sobre o canteiro coberto de grama, como se uma mão invisível me guiasse e orientasse minha queda. Por mais estranho que pareça, havia uma felicidade por trás da desgraça, como se aquilo viesse de um plano superior a meu entendimento, para que eu pudesse compreender coisas até então incompreensíveis. O atrito com a grama já estava parando meu corpo quando, apesar do capacete, senti uma forte pancada na cabeça. Tudo ficou escuro e desapareci numa aparente inconsciência. Não sei quanto tempo se passou, mas acordei na mais profunda escuridão. Meus olhos estavam fechados e não conseguia mover um só músculo do corpo. Percebia apenas o movimento da respiração, indicando que não estava morto. Escutava ruídos, carros passando, pessoas chegando e falando em torno de mim. Senti-me prisioneiro daquele corpo esparramado pelo chão, que mais parecia um escafandro vazio. Queria ver, falar, comunicar-me com os passantes que chegavam, mas nada disso era possível. Havia um bloqueio a qualquer ato voluntário. Um medo gélido começou a irradiar-se da boca do estômago, invadindo-me o plexo solar e transformando-se em pavor. A Morte estava ali, à espreita, querendo pegar-me. Era um desafio supremo, talvez o maior que já experimentara; se não fizesse alguma coisa rápido, ceifaria minha vida impiedosamente. Algo em mim não queria deixar-se abater como um carneiro. Não era digno de um ser humano abandonar-se assim. Que fazer? Um raio atravessou-me a mente e lembrei-me do que Mathetés dissera ao ver as manchas escuras à minha volta. Como não conseguia abrir a boca, chamei-o com todo o poder da mente, com um imenso grito silencioso.

so, que ecoou nos quatro cantos do Universo. Magicamente, um silêncio e uma calma profundos desceram sobre mim e acolheram todo o pavor que aí se encontrava.

— Saia já desse corpo — ordenou uma voz autoritária.

Fui trespassado por esse comando vindo de fora que me sacudiu violentamente por dentro. Não entendi o que estava acontecendo. Parecia a voz de Mathetés, mas ele logicamente não poderia estar ali.

— Não perca um tempo precioso duvidando de sua percepção — continuou a voz. — Sua única chance é vir imediatamente para fora.

Uma certeza estabeleceu-se em mim. Mathetés encontrava-se nas redondezas, trazido magicamente por meu grito silencioso. Esforcei-me por compreender o que queria dizer *sair do corpo*, mas em vão. Começamos então um diálogo sem som:

— Meu corpo não se move, o que significa sair dele? — perguntei.

— Significa exatamente isso: saia dele. Você não é seu corpo. Você está em um momento especial, numa brecha. Esse momento é favorável para que muitas coisas quase impossíveis ocorram. Se você teimar em ficar encasulado aí dentro, morrerá. Estou vendo a força da morte começar a rodopiar para sugá-lo.

Ao escutar isso, meu pavor dobrou pelo fato de eu não fazer a mínima idéia de como sair do corpo.

— Como faço? — gritei internamente, já à beira do desespero.

— Não saia por nenhuma das nove aberturas visíveis de seu corpo, pois por qualquer uma delas a mor-

te o pegará e nada poderei fazer para impedi-la. Sinta por onde sair. Aproveite a absoluta passividade em que seu corpo se encontra e procure a saída. Concentre-se na barriga, exatamente onde bate o ar que entra pelo nariz.

Não conseguia. Estava a ponto de querer que a morte me pegasse de vez e terminasse com tudo. Parecia muito difícil lutar contra ela. Era mais macio deixar-me ir. Para que lutar? Comecei a sentir um convidativo torpor me envolvendo...

Percebendo a situação, Mathetés soltou um agudíssimo e penetrante “kiai”*, vinte vezes mais forte que o grito de uma águia, que sacudiu minhas entranhas. O torpor que me grudava pegajosamente desapareceu e desci de minhas dúvidas diretamente para a barriga, na altura do umbigo. Havia uma concentração energética intensa nessa região. Nunca a havia sentido dessa forma: parecia um imenso lago, pleno de energia, onde a vida se produz e se refaz. Parecia também que eu havia aumentado de tamanho. Sentia claramente a ponta do umbigo e minha Atenção encontrava-se naturalmente pousada nesse ponto. De repente, senti e vi um faixo luminoso, amarelado, projetando-se dali como um farol e, no momento seguinte, sem saber como, estava de pé ao lado de Mathetés, que contemplava meu corpo estatelado na grama. Este achava-se envolto por um turbilhão escuro que pouco a pouco foi-se desfazendo, até desaparecer.

* Possante grito utilizado pelos guerreiros e shamans japoneses, para passar uma energia vital que destrói ou cura alguém, dependendo da intenção de quem o profere. Diz-se que o som vem da barriga.

— O risco de vida já passou. Aquele vento mortal, ensombrecido, encontrou apenas um corpo vazio. Como já lhe expliquei tempos atrás, a morte não tem poder sobre você, quando você está a esta distância, não confundido com o corpo físico. O que nos aniquila é nossa confusão grudenta a ele, tão grudenta que você nem sabia que podia largá-lo, como uma roupa velha.

— Mas, que estado é este em que me encontro? É algum estado “post-mortem”?

Mathetés mirou-me estranhamente e começou a rir, como alguém que acabava de ouvir uma boa piada. Estranha cena: eu, sem forma, apreciando meu corpo a distância, ao lado de alguém rindo a mais não poder. Cheguei a pensar que, por sorte, ninguém estava nos vendo. Diante do meu jeito aparvalhado, Mathetés recompôs-se:

— Desculpe o acesso de riso, mas o latim soou engraçado e pomposo neste momento. Só mesmo você, nesse estado, seria capaz de uma pergunta dessas, não conheço mais ninguém com essa capacidade. Na realidade, não é estado “post-mortem”; podemos chamá-lo de “estado de não identificação com o próprio corpo”, que pode ser experimentado a qualquer momento, desde que você se prepare longamente para isso. Em seu caso, entretanto, você precisou cair da moto e bater a cabeça, isto é, desmontar de tudo aquilo que é conhecido, de todos os seus conceitos e imagens.

À menção da palavra moto, lembrei-me da velha amiga de tantos anos. Estava a uns 60 metros de distância, destroçada, pronta para o ferro velho. Tive a certeza de que a partir de então não teria mais lugar em minha vida.

— Vamos aproveitar esta brecha na qual você se encontra e experimentar o quase impossível. O possível agora é uma impossibilidade total em outro momento.

Tocou na parte posterior de minha cabeça e pediu-me que visualizasse um vale verdejante. Não sabia por quê, mas fiz o que me ordenava. Não existiam pensamentos entre mim e a cena vista. Aos poucos, porém, foi descendo, não sei de onde, um envolvente e profundo azul. Lentamente a cena foi-se desvanecendo, encoberta pela noite mais escura que já havia visto na vida. Não conseguia distinguir nada, não enxergava um palmo adiante, mas, apesar de tudo, tinha a certeza de que não me encontrava mais no local onde meu corpo jazia inerte. Pelo ar que me tocava e pelos sons que me chegavam, percebi que estava em um espaço amplo e aberto. Não poderia dizer se Mathetés estava ou não a meu lado. Desfrutava de um sentimento de profunda paz e felicidade. Não sei dizer quanto tempo fiquei assim. O tempo perdera seu caráter limitante e amedrontador, como se eu estivesse menos sujeito a ele. Estava livre, finalmente livre.

Um estranho som vindo de trás, parecido com um trovão muito forte, trouxe-me para um estado de alerta maior. Não enxergava nada, a noite escura me envolvia, mas medos e preocupações passavam ao largo. Quando o trovejar contínuo aproximou-se mais, pude discernir que o som provinha do rufar de cascos de um animal de porte pesado. No minuto seguinte, levei uma violenta pancada por trás, que me projetou a uma distância de 8 metros. Por não estar dentro da forma habitual, a queda foi agradável. Sentei-me no chão tentando enxergar na escuridão. Pouco a pouco, o azul foi-se dissipando e a claridade tomou conta de tudo.

Vi exatamente onde me encontrava: no vale cercado de montanhas que visualizara e que poderia estar em qualquer parte do globo. Mathetés, que até então eu não sabia onde estava, encontrava-se à minha esquerda, sentado no chão em profundo silêncio, observando tudo. Procurei com os olhos o que havia me atingido tão fortemente e deparei com o maior touro negro-azulado que já vira. Olhava diretamente para mim, como que desafiando-me para um duelo. Batia os cascos no chão com violência, meneando a cabeça para baixo e para cima, confirmando o desafio. Olhei novamente para Mathetés, que permanecia sentado em silêncio e dei-me conta de que nenhuma conversa adiantaria. Estava sendo convidado a agir no sentido lato dessa palavra, mas não sabia como. Não havia fuga possível; estávamos em campo aberto e o touro não me daria escolha. Aparentemente estava a fim da minha pele, queria me pegar e acabar comigo, pois de certa forma eu lhe devia algo: fugira dele a vida toda. Por outro lado, ele também me devia muito. Ao pensar nisso, senti vontade de matá-lo e beber seu sangue, como num ritual, para apoderar-me de sua imensa força. Lembrei-me do meu encontro com a águia e com o leão, tempos atrás. Também haviam sido momentos decisivos em minha vida.

Começava a esquematizar um plano de ação, quando uma emanção fina e silenciosa proveniente de Mathetés mudou completamente a direção de meus pensamentos. Subitamente, soube como agir. Olhei para o touro, não como quem olha para um inimigo, mas para um ente querido. Correspondeu prontamente a meu afeto, com o olhar. Sua pose selvagem, desafiante, tornou-se receptivamente acolhedora. Levantei-me, ca-

minhei em sua direção e, sabendo que nesse momento não tinha limitação espacial, mergulhei dentro de seu corpo, querendo conhecer e sentir seus segredos. Ao fundir-me a ele, senti uma força jamais experimentada. Tudo era energia vibrante. O mundo animal, energético, tinha nele seu mais perfeito representante.

Corremos o vale inteiro, até o sopé das montanhas. Realizava-se um casamento perfeito: o touro, contente por desvendar-me seus segredos e eu, por estar “bebendo seu sangue”. Minha presença o transformava, éramos a parceria ideal. Passamos horas nesse convívio afável e único, correndo de um lado para outro. Ele me mostrava o que meu corpo deveria ter sido: potente, vigoroso, receptivo, capaz de feitos prodigiosos. Lembrei-me vagamente daquele que continuava estatelado e perdido na Marginal, na longínqua cidade de São Paulo, mas isso não me preocupou. Não sabia se naquela forma ainda me seria útil. Muitos outros ensinamentos foram-me passados nesse contato de sangue com meu irmão touro. Apreendi tudo o que estava a meu alcance naquele momento. Queria ficar indefinidamente, mas escutei ao longe o assobio de Mathetés e percebi que era hora de juntar-me a ele. Sem olhar para trás, sentindo-me profundamente enriquecido, desprendi-me do touro.

— Chamei-o porque em breve você se esqueceria e se perderia nos meandros do touro. Tudo é bom na medida certa, demais estragá. Além disso, avistei uma bela vaca nas imediações e o touro poderia querer prestar-lhe serviço, colocando-o numa posição extremamente delicada...

Olhou para mim e estourou numa gargalhada contagiante. Apesar de minha tendência de querer tratar

tudo de uma maneira muito séria e formal, não pude conter-me e acompanhei-o. Ficamos bem uns 5 minutos dobrando a barriga de tanto rir. Mathetés sempre dizia que rir com o corpo inteiro é uma maneira maravilhosa de descongelar, ativar nossas energias e tirarnos momentaneamente de nosso fechamento egocêntrico. “Desconfie sempre de uma pessoa que não ri, pois está tentando a todo custo manter sua autoimagem. E quando uma situação for muito difícil, dê uma boa gargalhada e verá como tudo se ajusta”.

— Vamos aproveitar agora que você ainda está nesse estado especial de não identificação com o próprio corpo e experimentar uma última coisa. Antes, porém, tente lembrar-se: além da minha presença e da do touro, você percebeu alguma outra?

Não sabia bem a que se referia, mas lembrei-me de que antes de fundir-me ao touro e durante a fusão, tive uma estranha sensação de estar sendo observado por alguém, sensação que depois se perdera, mas que então havia me incomodado. Mathetés anuiu com a cabeça quando lhe contei e apontando para os altos pinheiros a distância, disse:

— Eles testemunharam silenciosamente a cena vivida por você. As árvores em geral, e essas araucárias em particular, são seres vivos, sensíveis, que também querem participar da sua realização; são consciência aprisionada em um corpo preso ao chão.

Entendi de imediato o que queria que eu fizesse e, com um simples desejo, transportei-me para a frente de um gigantesco pinheiro de uns 70 metros de altura, vertical, soberbamente ereto e solidamente plantado no chão. Em minha vida cruzei com diferentes tipos de

árvores, contudo sempre as encarei como simples seres agradáveis e importantes para a manutenção do equilíbrio ecológico; jamais as sentira como agora. Encontrava-me frente a um ser vivo, sentia a emanção de sua consciência acariciando-me. Ela também queria ensinar-me. A exemplo do que fizera com o touro, penetrei-a através da casca e transformei-me em árvore. É quase impossível descrever essa vivência interior. Dentro da árvore, ou em mim, corria um fluxo energético que descia da copa para as profundezas da terra e voltava através das raízes, subindo de novo para a copa, num moto contínuo. Tudo era vibração, até a casca exterior era viva. Minha copa tocava o céu e recebia uma influência benéfica, necessária à nossa mãe Terra. Meu corpo trazia a influência do Alto para as zonas inferiores. Minhas raízes aprofundavam-se solo adentro e transportavam uma substância bruta e poderosa para ser transformada pelo descer contínuo do Alto. A imobilidade exterior da árvore completou o ensinamento. Tive a impressão de ter passado uma eternidade dentro desse ser árvore, quando Mathetés tocou de leve a casca de meu novo corpo, puxando-me para fora. A experiência havia sido tão forte que ele achou melhor não comentá-la. Disse apenas:

— Já é tempo de voltarmos para seu antigo corpo. Se demorarmos mais, ele poderá ressentir-se de sua ausência e dificultar sua entrada.

Pedi-me para visualizar o local do acidente, o que fiz com facilidade. Alguns segundos depois, estávamos frente a ele. Haviam transcorrido apenas 5 minutos em meu mundo antigo. As pessoas ainda estavam chegando para ajudar e começavam a tocá-lo medrosamente. Pensei novamente na relatividade do tempo. No es-

tado de consciência desperta ele tem duração diversa. Uma experiência interior que se desenvolve em um longo tempo, leva apenas cinco minutos de nosso tempo mentalizado.

Algo em mim não queria reincorporar, preferia permanecer livre como me encontrava. Para que voltar a todos os antigos problemas que habitavam naquela velha morada? Por que não ficar na paz etérea desse momento em que nada me afligia? Parecia que o corpo seria um fardo pesado de carregar a partir de agora. Mathetés sorriu complacientemente, percebendo o que se passava no meu âmago e disse com suavidade:

— Não titubeie, volte; entre pelo mesmo ponto de onde saiu.

— Mas, por que voltar se me sinto tão livre sem ele?

— Essa liberdade não duraria muito. Você ainda precisa dele para transformar-se e transformá-lo. O Homem de Atenção nasce para transformar o mundo. Seu mundo real é seu corpo, com tudo o que contém, visível e invisível. Tudo aquilo que você sentiu no touro e na árvore, poderá viver em seu corpo a partir de agora. O corpo humano é sagrado, pois é feito à imagem e semelhança do Universo, uma miniatura perfeita. Saiba como trabalhá-lo e todas as portas se abrirão. Encarne a posição ocupada pelos antigos heróis míticos e viva a grande aventura, não a aventura tola e mentirosa de uma tela de cinema. A grande aventura é estar conscientemente vivo dentro de um corpo, vivendo-o plenamente. Não admita mais uma vida medíocre, desatenta. Você está tendo a sorte que raros seres humanos têm: a de um segundo nascimento, desta vez, voluntário. — Ficou alguns momentos em silêncio e con-

tinuou: — Vá e seja um Homem de Atenção. Transforme o corpo opaco em corpo de luz. A aventura é a sua recompensa.

Soltou um novo “kiai” potentíssimo em minha direção, que me impeliu em direção ao foco amarelado que saía do umbigo do meu corpo. Fui prontamente tragado e puxado. Voltara para casa.

No Umbrai do Vazio

Desci do táxi às 20h30, nas imediações da rua Colômbia no Jardim América e comecei a caminhar calmamente pelas alamedas arborizadas desse bairro que ainda abriga sua nostálgica aristocracia. Tinha trinta minutos para chegar à casa onde deveria encontrar-me com Mathetés. Como de costume, preparei-me para nosso encontro, pois aprendi, ao longo dos anos de nosso relacionamento, que não era bom encontrar-me com ele *a frio*. Era melhor aquecer-me, como fazem os esportistas antes de uma competição. Nesse caso, porém, tratava-se da musculatura interna, de um aquecimento de atitude. Procurei interiorizar-me enquanto caminhava, recolhendo a Atenção, de hábito tão dispersa em dezenas de imagens fúteis e trazendo-a para junto de minha presença física. As coisas mais simples começaram a revelar-se: a temperatura estava agradável, não havia vento e até o barulho da rua parecia ter diminuído. Os poucos carros que passavam velozmente constituíam um contraponto interessante para minha calma interior. O ruído de meus passos ecoava gostosamente em meus tímpanos, como que massageando-os e permitia uma penetração mais profunda em meu interior. Uma agradável sensação percorria meu corpo todo, eletrizando-o da maneira justa, livrando-o das tensões e conferindo-lhe o tônus adequado.

Numa megalópole como São Paulo, andar a pé à noite chega a ser um atrevimento quase impensável, mas apesar da falta de segurança, sentia-me “dono do pedaço”. Como conhecia bem a região, encontrei a rua sem dificuldade e dirigi-me para o número que tinha em mãos. Em frente à casa, vacilei um pouco: não era uma casa, era uma mansão, com grades altas e portões enormes. Verifiquei uma segunda vez: o número estava correto. Não tinha idéia do que Mathetés poderia estar fazendo em tal local, mas com ele tudo era muito misterioso mesmo.

Nove horas em ponto. Apertei o botão da campainha. Já era esperado e, após identificar-me, passei por um amplo jardim muito bem cuidado. Entrei em um hall, cujo chão em mármore branco e preto, realçava os móveis e objetos que decoravam o luxuoso ambiente. A caminhada anterior deixara-me seus fluidos benéficos de paz descontraída. Imaginava estar pronto para encontrar o que fosse. O mordomo levou-me até um salão, onde avistei Mathetés e mais cinco pessoas jogando baralho. A cena chocou-me sobremaneira: esperava tudo menos isso. Perdi o equilíbrio interior, descentralizei-me e num relâmpago uma série de dúvidas aprisionadas no fundo de minha mente explodiram-me na frente, chegando a turvar minha visão. Mas, apesar de meu espanto e momentâneo desequilíbrio, consegui agir calma e comedidamente. Fui apresentado às pessoas, das quais reconheci o dono da casa como um colunável famoso e um outro como um político proeminente. Não conhecia os demais, apenas seus nomes me soavam familiares. Como um gesto de simpatia ao recém-chegado, pois isso é contrário às regras do jogo, permitiram que me sentasse próximo à mesa e observasse os 15 minutos finais.

Jogavam pôquer de 32 cartas. Nunca fui jogador, mas conhecia as regras e na juventude cheguei a brincar um pouco. Estavam descontraídos e conversavam bastante, apesar de, pelo que pude perceber, o cacife ser alto. Mathetés ria e falava muito. Não consegui saber se perdia ou ganhava, mas parecia que o dinheiro não lhe importava: importante era o prazer de jogar. Um deles perdia o que para mim era uma soma astronômica, mas mesmo assim comportava-se como se nada estivesse acontecendo. Após alguns minutos de observação, constatei que Mathetés estava em dia de azar. As cartas entravam “por baixo”, conforme o jargão dos jogadores. Entretanto, agia de acordo com o momento e era senhor de sua falta de sorte. Às 9h30 precisamente terminaram. Fizeram as contas e Mathetés assinou um cheque. Os outros ainda iam ficar, mas ele se desculpou alegando que tínhamos negócios a tratar. Despedimo-nos e saímos para a rua.

Seu motorista nos aguardava com a porta traseira do carro aberta. Sentamo-nos sem trocar uma só palavra. Mathetés fez-lhe sinal para partirmos e olhou para mim com uma expressão fingidamente desamparada, desandando a rir gostosamente, deliciando-se com meus ares. Eu já sabia por quê, mas montado em minha auto-importância, não resolvia se o acompanhava no riso ou se me mantinha amuado. Enfrentei um intervalo de não saber o que fazer, mas afinal o cômico contagiou-me e gargalhei sem restrições, o que me liberou das toxinas que haviam se acumulado ao vê-lo numa mesa de jogo.

— Quer dizer que seu “mestre”, aquele que existe em sua caixa pensante não pode jogar baralho? — disse forçando um sotaque italianado que conferia uma co-

micidade única à frase. Continuamos rindo um bom pedaço, o que me deixou desanuviado.

— É isso, não é? — continuou ele — Percebi sua cara de bode chocado ao entrar na sala e me ver jogando. Você se preparou para tudo, até para um tigre saltando em sua garganta, menos para isso, estou certo? É muito mais fácil lutar com um animal feroz do que enfrentar conceitos arraigados em nós mesmos. Um mestre jogando cartas... Que pecado, que atividade mais mundanamente diabólica...

Concordava com tudo o que ele dizia e continuei rindo prazerosamente de mim mesmo, de minha idiotice atávica. Consegui controlar-me e comentei que para mim, qualquer jogo que envolvesse dinheiro, mas principalmente baralho, estava associado a paixões de todos os tipos e à degradação do homem. Oposto, portanto, a um trabalho espiritual.

— Isso é assim para o homem comum, não para um Homem de Atenção. A idéia de jogo é sagrada e vem da mais remota antiguidade. Homens de Atenção do passado criaram as mais variadas formas de jogo, muitas vezes disfarçadas em brincadeiras infantis, com o intuito de despertar os adormecidos e dar indicações precisas sobre a ciência interior. Qualquer jogo, para ser bem jogado, exige do jogador a maestria e o controle de suas três partes espiritualizadas: mente, emoção e corpo. É um símbolo fundamental da luta do herói contra as forças de aniquilamento personificadas pelo oponente. A própria vida foi projetada como um grande jogo do qual somos peões sobre o tabuleiro. Foi uma grande “mancada” cósmica, pois não nos foi dito que era um jogo e, no entanto, não o sabermos era uma das regras principais. Foram-nos deixadas ape-

nas pistas e os que as percebem buscam saídas ou respostas para o labirinto chamado vida. Cada indivíduo que nasce é educado somente para acreditar que a vida é definitiva e não um jogo transitório e passageiro. A arte de viver é o grande jogo. “To play” em inglês significa, entre outras coisas, jogar, brincar e representar, três coisas notáveis para um homem de busca. Todas as nossas atividades no mundo são um jogo e giram em torno da idéia de jogo.

Fez uma pequena pausa e prosseguiu:

— Como todos sabem, o dinheiro está intimamente ligado ao jogo da vida. Não existe jogo sem que se perca ou ganhe algo de precioso.

Nesse momento, o carro deu uma freada e fomos levemente projetados para a frente, o que interrompeu o fio da conversa. Aproveitei para perguntar aonde íamos.

— Você vai conhecer minha propriedade na Serra da Cantareira. Aliás conquistei-a numa mesa de pôquer. O milionário que a perdeu estava tão entediado dela, que não lhe fez a menor falta. Entretanto, serve como uma luva para nosso nobre objetivo interior.

Refleti por instantes sobre a constante e premente necessidade de fundos para a execução de um trabalho interior sério, em que várias pessoas como eu estavam engajadas. Dirigi uma pergunta, ligando-a ao assunto anterior.

— Para entrar em um jogo é necessário um cacife. Qual é o correspondente disso na vida?

— A Atenção é o cacife — respondeu.

— Como assim?

— Quando você está atento, ganha; quando não está, perde. Quando você Atenção está presente, você come o mundo e cresce; quando está desatento, o mundo e os acontecimentos o devoram. No jogo da vida, há pouquíssimos ganhadores. Não se iluda, todos os que fazem cara de realizados estão fingindo. No final de suas vidas, servirão apenas de alimento aos corvos.

— E nós não seremos alimento de corvo? — perguntei com uma leve inquietação.

— Não há garantia. Quando chega sua hora, o Homem de Atenção entrega voluntariamente seu corpo para a Terra e o oferece como alimento sagrado para todos os vermes e animais que se interessarem. Agradece às forças divinas a oportunidade de ter morado em tão maravilhoso instrumento. Descarta-o como uma velha vestimenta fundamental para a existência no planeta, porém guarda consigo seus fluidos essenciais. Se estes foram trabalhados e transformados durante a vida, servirão como um segundo veículo, um novo instrumento para um outro ciclo de aventura da Atenção no palco cósmico. O homem comum, anestesiado, identifica-se com o próprio corpo, isto é, com o envelope e, ao morrer, quando a chama se apaga, ele também se apaga. Seus elementos misturam-se e fundem-se com o ambiente. A pseudo-individualidade, riqueza, pobreza, importância, timidez, coragem, covardia, tudo desaparece sem deixar rastro. Fica apenas uma pequena nuvem de poeira que, ao se depositar, não será diferente de nenhum outro pó.

Essa relação implícita entre jogo e morte deixara-me subitamente angustiado. Não me contive e desabafei:

— Por que falar sobre a morte, se é um assunto tão chocante e a evitar?

Sorriu condescendente e replicou:

— Não existe vida sem morte. São dois lados de uma mesma moeda. Uma contém a outra. A vida e a morte são duas presenças que nos acompanham sempre. São excludentes apenas para uma mente afastada da “organicidade”. Mesmo quando se está só, sem esposa, filhos, pais e amigos, a vida e a morte não deixam de estar sempre a nosso lado; são nossas melhores companheiras. Cada dia que termina, cada sono à noite, são formas de morte. No sono, o ator se recolhe e tira a máscara. Uma relação que termina, um casamento fracassado, um negócio que não dá mais certo são formas de morte. Em cada um desses acontecimentos, aprende-se algo que não se sabia antes. Em cada morte, portanto, aprende-se a viver melhor e a ser mais inteligente. Quando você se dá conta de que a morte é um assunto diário, de cada instante, você é muito mais livre e passa a aprender com ela. Como eu, também ela é sua instrutora.

Olhei de soslaio para ver se sua expressão facial traía alguma coisa, mas ele se mantinha sério.

— Por que temê-la se ela nos morde o calcanhar a cada instante? Depois de muito trabalho, quando conseguimos aceitar sua presença inevitável, a vida fica luminosa, colorida, gostosa. Todos os nossos defeitos e qualidades tornam-se iguais frente ao lado escuro da vida. Toda vez que você se sentir enfatuado, aborrecido, entediado, lembre-se de que a senhora Thánatos está de olho em você.

— Não é mórbida essa lembrança? — perguntei.

— Para um Homem de Atenção, a morbidez, a covardia, a timidez, o medo psicológico e muitas outras características humanas que você aprende a reconhecer são doenças que precisam ser tratadas. Ao tratá-las, você as transforma em alimento de seu crescimento interior. Não rejeitamos nada, tudo é transformado para nossa evolução.

— Não é bom um pouco de medo?

— Você tem em mente o medo de um animal feroz, medo do fogo e coisas afins, não é? Esse medo é irrelevante e nos protege. Eu falo de um medo mais arraigado e que no homem comum é uma das causas de todas as suas ações: o medo dos outros, da morte, do que vai acontecer amanhã. Provoca uma angústia existencial, uma tensão física e uma estafante preocupação mental. Por isso as relações entre as pessoas são tão difíceis; um teme o outro, mesmo quando se sorriem e se dão tapinhas nas costas. O mesmo ocorre entre os países, só muda a escala. Na base de todo o ato agressivo está o medo e em toda a relação nele baseada a catástrofe está por perto.

— Um Homem de Atenção também tem medo? — continuei perguntando.

— Sim — respondeu laconicamente e como que procurando no seu profundo as palavras certas, prosseguiu — o Homem de Atenção tem tanto ou mais que o homem da rua. Ele o percebe na sua totalidade, não o escamoteia e não mente para si mesmo. E é aí que reside a diferença: ele aprende a comer seu próprio medo que, uma vez digerido, transforma-se em calor, força e lucidez.

Deu um tom dramático às três últimas palavras e ficamos calados por algum tempo. O carro rodava por uma das ruas de Santana, zona norte da cidade. Já não estávamos longe de nosso destino. A expectativa de conhecer essa propriedade nos arredores montanhosos da cidade, onde a mata ainda é densa, deixava-me ansioso. Companheiros mais antigos contavam maravilhas desse local, onde diferentes ateliês de trabalho permitiam o desenvolvimento pessoal acelerado de cada um, através da prática de variadas artes essenciais ao ser humano. Aproveitei o tempo para esclarecer algumas questões relativas ao que havia testemunhado há pouco. Convém dizer que não era fácil tê-lo à disposição. Quando essa chance se oferecia, aproveitava-a ao máximo. Mesmo quando minhas questões não eram suficientemente claras, ele as debulhava com perícia, salientava o essencial e abria um leque de ângulos novos e provocativos como resposta. Lancei como pude minha pergunta:

— Ao vê-lo jogando, me veio à tona uma velha questão sobre a sobrevivência financeira de um homem que quer se desenvolver interiormente. Como ganhar o pão diário e ter tempo livre para a busca? Como... — interrompeu-me com um gesto de mão:

— Calma, cada pergunta a seu tempo. Duas razões levam o homem a aparecer no planeta: a primeira é para servir à Terra e a segunda para auto-aperfeiçoar-se. Não há como escapar disso, pois essas razões constituem o ponto de partida de todas as nossas ações. O ideal para o ser humano é cumprir ambas plenamente e é nisso que o Homem de Atenção trabalha. Qualquer tolo serve obrigatoriamente ao planeta, porém o Homem de Atenção se auto-aperfeiçoa enquanto o faz.

Quando digo tolo, não pense em pessoas desprovidas de cultura ou inteligência.

— Que história é essa de servir ao planeta? — perguntei.

— A primeira questão não foi respondida ainda, mas é possível juntar as duas. Ganhar dinheiro, comer, beber, dormir, casar, procriar, socializar e tudo o que você erroneamente pensa que são suas ações, são maneiras forçadas de servir ao planeta. Não há nenhum problema em fazê-lo, mas se você for esperto e souber como, pode ter uma outra vida dentro dessa obrigatoriedade. A vida obrigatória é de uma estultice única, repetitiva e enfadonha. A outra, à qual o Homem de Atenção se agarra com todas as suas forças, o faz crescer e tornar-se senhor de suas ações. Transforma o caos de nossas vidas num cosmos bem organizado e nos dá um relativo controle sobre o imponderável. Nessa nova vida, o Homem de Atenção consegue não ser escravo de nada e, ao mesmo tempo, não escraviza os outros com suas manias. Não permite que sua forma de ganhar dinheiro o tire, deixando-o sem tempo para mais nada. O tempo é precioso e não pode ser desperdiçado.

Como sempre tivera curiosidade por saber detalhes de sua vida, aproveitei para perguntar:

— Qual sua forma de ganhar a vida?

Olhou para mim, coçou a cabeça lenta e pensativamente e sorriu com indulgência.

— Utilizo muitas formas hábeis, não apenas uma. Talvez um dia você descubra algumas. Desde minha juventude venho me treinando para ser bom naquilo que faço. Não para ser melhor que os outros, isso se-

ria tolo, mas pelo amor a fazer bem alguma coisa, pela satisfação que isso traz. Tudo é válido, qualquer atividade honesta, no sentido lato do termo, serve de suporte para esse treinamento. Deve ser executado em muitas direções para ser eficaz. Quando se é bom em alguma coisa, o mundo nos retribui generosamente, de uma forma ou de outra. Treine sempre, não há limite de idade para isso. Qualquer ação pode ser encarada como treino, desde varrer um cômodo, pegar um papel na rua e colocá-lo no lixo, ou falar com uma autoridade, fato que normalmente nos deixa tensos. Treine pelo amor ao treino e não pela recompensa; ela virá no momento certo, quando você menos esperar. Treinar nos mantém vivos, alerta e prolonga nossa juventude.

Nesse momento, brotou em minha mente a imagem da cena em que Mathetés preenchia o cheque na mesa de jogo. Com uma ponta de triunfo e sadismo, cutuquei aquilo que, na minha imaginação, poderia ser um calo doído. Fingindo um tom casual, perguntei: — O senhor perdeu hoje, não é?

Olhou para mim e desandou a rir tão alto que até o motorista, usualmente calado, foi obrigado a sair de sua pose e acompanhá-lo discretamente no riso. Fora flagrado em minha questão marota. Uma faísca elétrica subiu-me pela coluna até o topo da cabeça. A sensação de mim mesmo nesse instante foi tão rica e nova, que, apesar de ser o motivo do riso, agradou-me tê-lo provocado. Mathetés apurou-se e ainda rindo disse que a questão era tão boa como qualquer outra, mas que a dubiedade interior que eu havia manifestado no som de minha voz havia sido de uma comicidade ímpar. Imitou meu jeito de falar e com muito hu-

mor tirou sons engraçadíssimos da pergunta. Trocou várias vezes as posições das palavras, tais como: *não é, hoje, perdeu o senhor?* Mostrava-se, como sempre, um ator de recursos e não deixava escapar ocasião de me surpreender. Não havia como ficar impassível e não se deixar contagiar pela descontração.

— A vida — disse — fica mais interessante quando você escuta o som da voz das pessoas. Elas falam uma coisa para fora e são outra por dentro. Aprenda como um maestro a discernir o desafino das vozes. O que as pessoas comuns falam não tem a menor importância, o importante é o que elas *não dizem*, o que está por trás. Algumas vezes encontramos pessoas que quando *falam, dizem*. Com essas é útil conversar, pois sempre contribuem com algo novo.

Olhou para mim como um pai que quer ver se o filho está aborrecido e, notando que eu havia absorvido organicamente o choque, voltou à minha questão original:

— Eu sempre ganho, mesmo quando perco. Hoje perdi dinheiro apenas, mas em compensação tive que trabalhar a arte da estratégia para perder menos. Ganhei em estratégia. A arte do jogo é como a da guerra: perde-se algumas batalhas, mas o essencial é ganhar na média. No jogo, como em qualquer empreendimento, é necessário um bocado de sorte.

— Que significa ter sorte? perguntei.

— Sorte é uma disposição interna e não um fator externo, como usualmente se pensa. É pessoal e fruto, grosso modo, da combinação bem proporcionada de três qualidades: intenção, sensibilidade e habilidade. Poderia desenvolver extensamente essa idéia, mas faça-

o você mesmo, será muito mais interessante e funcional. Algumas vezes, como esta noite, esbarra-se num quarto elemento, que podemos chamar de “dificuldades de caráter externo”, ou dito de outra forma, não há vento para a vela. Nesse caso, deve-se ter humildade suficiente para aceitar que forças superiores às nossas opõem-se a nosso livre curso. Nesses difíceis momentos de calma, não adianta se debater e agitar-se; é necessário continuar remando serenamente com suas próprias forças, não permitir a menor sombra de pena de si e manter-se, a todo custo, acima da superfície das águas.

Queria ainda ouvir um pouco mais sobre as três qualidades internas, mas ele fez sinal mostrando que já estávamos chegando. Nos últimos 15 minutos, subíamos por uma estrada com casas esparsas e vegetação cerada. Estava escuro e eu não havia prestado atenção nos detalhes da paisagem. Não saberia voltar sozinho. Estávamos na parte mais alta, podia sentir o frescor da noite pela réstia do vidro. O carro entrou à esquerda, saindo do asfalto. Subiu uns 500 metros por uma estradinha sinuosa, desembocou num platô, passando entre dois enormes ciprestes que ladeavam a entrada da propriedade e parou em um pátio. Divisei tudo isso precariamente, pois não havia outra iluminação que a dos faróis. Mathetés abriu a porta e descemos. Deu algumas instruções ao motorista, que manobrou o carro e se foi, deixando-nos no meio da escuridão.

A noite sem luar estava muito escura, apesar do céu límpido e esplendorosamente estrelado. Aos poucos, meus olhos foram se habituando e já podia distinguir alguns arbustos mais próximos. Não me arriscaria a andar. Ao longe, à nossa direita, podiam-se ver as lu-

zes da cidade. Não tinha noção de onde estava localizada a casa, era impossível enxergar qualquer coisa sem uma lanterna. Como que adivinhando meus pensamentos, Mathetés tirou uma do bolso e iluminou uma grade de madeira que cercava a propriedade, uns 20 metros à nossa frente. Estávamos no que parecia ser um estacionamento de automóveis. Incidiu o faixo de luz sobre um portão sobre o qual havia uma placa onde se lia o nome da chácara: *Sunyata*. Acreditei entender o significado da palavra sânscrita, pois já a conhecia de outro contexto. Mathetés caminhou em direção ao portão, abriu-o e entrou fazendo sinal para que eu o aguardasse do lado de fora. Parou uns 3 metros adiante e, enquanto iluminava o caminho para mim, quebrou o silêncio dizendo:

— Seu primeiro teste aqui em cima é atravessar este portão com todo o cuidado.

Não entendi em que consistia o teste, parecia até uma brincadeira. Podia entrever o pequeno espaço que nos separava. Por via das dúvidas, prestei o máximo de atenção em meus passos e caminhei em sua direção, sentindo-me um pouco ridículo e embaraçado. O portão estava escancarado. Entretanto, bem abaixo da placa *Sunyata*, um fato estranho ocorreu: dei uma forte topada de corpo inteiro numa barreira invisível. Fiquei meio zozzo, não tanto pela batida, mas pela absoluta imprevisibilidade do acontecido. Era algo impensável. Tateei como um cego o ar à minha frente e senti algo duro e frio como um vidro, mas, de fato, não havia rigorosamente nada à minha frente. Olhei para Mathetés que se sentara no chão, chorando de tanto rir. Não conseguia articular palavra e apontava para minha cara, que devia estar uma pândega. Alguns segun-

dos se passaram, fiquei estático e congelado. Antes que me recuperasse, Mathetés deu um salto ágil e atravessou a barreira invisível com a mesma facilidade de antes. Postou-se a meu lado segurando-me o braço esquerdo.

— Você não passou no teste — disse e sussurrando em meu ouvido continuou — cá entre nós, até hoje ninguém passou na primeira vez. Você pensou ter compreendido o nome da propriedade: negativo! *Sunyata* é a palavra sânscrita para *vazio*. Mas não é um vazio qualquer, é o vazio pleno e cheio de vida. Só é possível entrar nesta chácara, com tudo o que ela representa, quando se está vazio de si mesmo. A barreira em que você topou, invisível porém sensível, representa o repertório de conceitos, imaginações, medos, fantasias e apegos que começaram a preenchê-lo desde o momento em que você abriu os olhos ao sair da “gruta da mamãe”. Você pode tentar romper a barreira a cabeçadas a noite inteira, mas não conseguirá avançar um só milímetro. Aqui não rompemos barreiras, nós as desfazemos.

— E agora — consegui balbuciar — não tenho mais chance?

— Não seja tolo, é claro que tem. No caminho do Homem de Atenção, cedo ou tarde, todos se defrontam com esse dragão. Para ganhar sua noite, porém, terá de passá-la no “poço de esvaziamento”.

Calou-se, apagou a lanterna e ficamos novamente na escuridão. Um ligeiro calafrio percorreu-me a espinha.

— Venha — disse — o poço está a uns 25 metros à esquerda. Vamos caminhar bordejando a cerca.

Segurou-me pelo braço e foi me guiando como a um cego, passo a passo. Conhecendo com exatidão o local, parou e pediu-me que ajoelhasse e tocasse o chão com as mãos. À minha frente havia um buraco que ele disse ser um poço seco. Mandou-me tatear toda a borda para calcular o diâmetro. Fiz o que me ordenava. O fato de estar no escuro, executando movimentos não habituais, aguçou minha atenção. Pouco antes de completar o círculo, bati com a mão em um pedaço de madeira que identifiquei como sendo a ponta de uma escada. Cheguei ao ponto de partida: calculei uns 2 metros.

— O reconhecimento horizontal do terreno já está feito — disse — desça agora pela escada e no fundo, a 4 metros, encontrará um banco. Utilize-o a seu bel-prazer.

A idéia de passar a noite em um buraco não é nada agradável. Já estava preferindo estar a quilômetros de distância, no meio de gente, luz... Minha hesitação desagradou a Mathetés, que quase me empurrou em direção à escada, sem me dar a oportunidade de fantasiar estar em outro lugar. Comecei a descida. Sentia-me engolido pelo negrume da profundidade. À medida que descia, o medo subia. Minhas pernas tremiam incontrolavelmente até que, após um tempo que me pareceu longo demais, senti meus pés tocarem o fundo. Tateei à procura do banco. A escuridão era intensa. Olhando para cima, consegui distinguir, com dificuldade, o vulto sombrio de Mathetés, em pé, na borda, contrastando com uma fatia do céu estrelado. A escada estava próxima, poderia desistir, subir por ela e ir embora. Sabia, entretanto, que esta opção inexistia: era tudo ou nada. Receoso de que ele se fosse e me abandonasse, perguntei com voz trêmula o que deveria fazer.

— Você já sabe o que fazer — disse — não é necessário perguntar. Já falamos o suficiente por hoje. Se sua atitude for correta e se for seu destino, o poço falará com você, já que está imantado pelo magnetismo de outros buscadores que por aí se “divertiram”. Sei que não é fácil, que você está borrando nas calças, mas sem isso que graça teria a vida? Muitos anos atrás, quando passei por experiência semelhante, alguém muito especial teve um gesto por mim e disse algumas palavras que me ajudaram. Porém, eu estava tão assustado, que não consegui gravá-las na memória. Agora, independente de mim mesmo, brota em meu íntimo aquilo que será meu gesto por você:

Deixo o manto da noite

Envolver meu corpo

Em profundo negrume.

Nesta noite sem fim

O êxtase de ser vida.

Vazio de sons, visões,

Perfumes, sabores,

Nada para tocar.

Aqui só ouço

Uma única voz

A do Espírito.

Ouvi suaves passos se afastarem. Estava irremediavelmente só. Sentei-me no banquinho e encostei o ombro na parede de terra. Os versos de Mathetés ressoavam em meu corpo inteiro. Um choro convulsivo apoderou-se de mim e a ele entreguei-me inteiro, por longo tempo. Isso não me ocorria desde criança. Quando o pranto começou a diminuir, uma fantasia, misto de medo e pena de mim mesmo, formou-se em meu

mental. Parecia que todos os lamentos embutidos em meu ser queriam aflorar. Entretanto, o silêncio e o negrume do poço eram tão espessos, que os processos internos não tinham como me pegar. Desvaneciam-se como surgiam. Prestei atenção no silêncio. Era imenso e, a princípio, assustador, diferente de outros que já vivenciara. O medo aumentara e meu coração batia junto à garganta. O ar entrava com dificuldade e sufocava-me. Veio-me à mente a conversa no carro e a voz de Mathetés ecoou em meu peito: “comer o próprio medo”. Comecei a rir com todo o pulmão. O ar entrou por um novo caminho. Não era *eu* que deveria comer o medo; o silêncio e a noite o fariam por mim. Essa compreensão foi a alavanca fundamental. Entreguei-me sem reservas a esses dois incomparáveis companheiros. A imensidão descortinou-se para mim. Não havia mais poço nem desconforto. Ampliara-se a relação espaço-tempo. Encontrava-me no mundo, mas não era deste mundo. Estava pronto para desempenhar qualquer papel. Muitos *eons* se passaram.

De repente, vi-me correndo em um local estranho. Achava-me dentro de um corpo de quatro patas, tinha pêlos e fazia parte de uma matilha de lobos predadores. Sabia-me um grande caçador, lembrava-me dos inúmeros animais que havia abatido. Com cada um, utilizara uma técnica diferente. Nossa matilha apreciava sobretudo a carne dos alces e tudo fazia para obtê-la. Excitava-nos pressentir a presença de algum espécime desprevenido e este, uma vez percebido, não tinha mais chance, seu destino estava selado, nossas garras eram hábeis e competentes.

Corríamos despreocupadamente, quando de repente surgiu à nossa frente um belíssimo alce. Era dife-

rente dos demais, não nos temia, desafiava-nos. Sempre atento à nossa aproximação, repelia habilmente os ataques. Algumas vezes até tomava a iniciativa. Eu mesmo tive que fugir para não ser estraçalhado por seus cascos e galhos. Um de nossos companheiros, um enorme animal preto, aproximou-se para atingi-lo, mas este esquivou-se habilmente com saltos que mais pareciam o vôo de um pássaro, obrigando o agressor humilhado a bater em retirada.

Depois do vexame, resolvemos nos reunir para discutir o assombroso acontecimento. Lembramo-nos de um velho lobo que vivia numa caverna nas montanhas, conhecido pela misteriosa virtude de ser o mais hábil caçador de alces. Tratamos de achá-lo, mas para nossa surpresa, ele não parecia em nada diferente de nós, dava até a impressão de mais fraco. De qualquer forma, já que tínhamos vindo, resolvemos levá-lo até o local onde o alce costumava pastar. Não esperamos muito até que sua figura imponente surgisse atrás de uma moita e a seguinte cena se desenrolasse: o velho lobo, que até então se encontrava junto a nós, caminhou calmamente em direção à caça e esta, ao contrário das outras vezes, permaneceu inerte, tranqüila, vendo o animal aproximar-se e acolhendo essa aproximação. Quando já estavam bem perto um do outro, uma estranha luz dourada despreendeu-se do alce e os envolveu. Fundiram-se como por encanto. O lobo, transformado por essa fusão, tornou-se maior e mais nobre e seus pêlos enriqueceram-se com belos reflexos dourados. Sem nada dizer, voltou para junto de nós, que o fitávamos sem compreender.

À noite, reunimo-nos à sua volta. Reverenciamos-lo e pedimos humildemente:

— Somos notórios por nossa intrepidez e astúcia, mas nunca pensamos haver no mundo um tão extraordinário alce. Nenhum de nós conseguiu vencê-lo e o senhor o fez com tanta facilidade. Não entendemos o que se passou. Para nosso benefício, conte-nos, por favor, o segredo do sucesso, mas antes deixe-nos dizer quanto cada um de nós sabe da arte de caçar alces.

O lobo preto tomou lugar à frente e começou:

— Nasci em uma matilha respeitada pela sua perícia. Desde a infância treinei-me com vistas a tornar-me um grande caçador. Sou capaz de pular uma árvore de até 4 metros de altura; sei encolher-me a ponto de passar através de uma abertura, que mal permitiria a passagem de um esquilo. Sou acrobata hábil. Muitas vezes, finjo estar adormecido e quando a caça se aproxima, dou o bote no momento certo. Com toda essa técnica, nenhum alce jamais me escapou e foi uma vergonha ter que bater em retirada frente àquele espécime tão estranho.

O velho lobo replicou:

— Antes de mais nada, é necessário tornar claro que aquele não era um alce comum. Era a própria essência da vida que se encarnou num corpo animal e assim o fez, para ensinar a vocês lobos anestesiados uma grande lição. Escolheu o corpo de um alce, por ser a carne que vocês mais apreciam, símbolo de seus mais secretos desejos. Infelizmente, com sua atitude vocês matam aquilo que mais amam. Tudo o que você descreveu são apenas técnicas para lidar com alces ou com a essência da vida. Seu mental planeja como *combater* a vida, em vez de como *transformá-la*, e assim acaba atropelado e morto por ela. Você é realmente efi-

ciente no que faz, mas está muito preocupado em ser engenhoso e hábil. Muitas vezes o objetivo é alcançado, você se sente vencedor, mas isso são elucubrações do mental e, no fim, *você* será a caça. O espírito da vida está sempre pronto para sugá-la de volta e um dia conseguirá, apesar de toda a sua tão desenvolvida técnica. A menos que entre no caminho do conhecimento interior, fíará perdido, tanto nas artimanhas do seu mental, quanto em seus desejos e apetites. Lembre-se de tudo isso quando praticar a arte da caça.

O próximo a falar foi o lobo pardo. Assim se expressou:

— Para mim, o importante na arte da caça é a força do espírito. Há muito a cultivo. Pratiquei todo tipo de jejum, passei deliberadamente por mil privações, massacrei desejos e agora possuo o espírito mais forte que já povoou o céu e a terra. Frente a uma caça, meu espírito pujante me impele e a vitória fica a meu lado, antes mesmo do combate real. Não tenho esquemas premeditados e toda técnica aprendida surge espontaneamente, segundo a situação. Normalmente, fixo o olhar no alce com toda a minha força espiritual e este, como que hipnotizado, cai em minhas garras de forma natural. Aquele alce misterioso, entretanto, movia-se sem deixar-me espaço. Em alguns momentos parecia pequeno, indefeso; noutros, um gigante ameaçador; transformava-se a cada momento. Isso escapa à minha compreensão.

A sábia resposta do velho lobo foi a seguinte:

— A vida é assim mesmo: muda e se transforma a cada instante. Cada minuto é diferente do outro. Você é que quer torná-los iguais. Você sabe realmente co-

mo usar aquilo a que chama de força do espírito, mas o próprio fato de gabar-se disso volta-se contra você. Seus poderes mantêm-se em oposição ao cervo, que é a própria vida, e você nunca pode ter a certeza de que seu espírito é mais forte que o dele. Você pode senti-lo preenchendo todo o Universo, mas isso não é o que chamo de Atenção. É apenas sua imagem dura e sombria. A verdadeira Atenção é brilhante, independente, plena de luz e vigor, enquanto o espírito ganha força segundo as condições. Devido a essa diferença de origem, há também uma diferença na maneira de operarem. A Atenção é um rio que flui incessantemente. O espírito é uma enchente temporária, que se extingue quando encontra uma corrente contrária mais poderosa. Um alce desesperado, ou uma situação nova e difícil na vida, podem com frequência tornar-se mais fortes do que um lobo. Pressionado até a beira do abismo, sem saída, numa luta de vida ou morte, uma vítima desesperada não alimenta a ilusão de escapar. Sua atitude interior desafia qualquer perigo que possa advir. Todo o seu ser vibra e está presente e nenhum lobo pode se opor à sua resistência férrea.

O lobo cinza avançou quietamente:

— O senhor diz que um espírito, por mais forte que seja, está sempre acompanhado por sua sombra e o inimigo se aproveita dela. Há muito tempo disciplinei-me na seguinte direção: não sobrepor-me a ele e aos acontecimentos; não forçar uma caça, assumir uma atitude relaxada e conciliatória. Quando o inimigo se mostra forte, olho descontraidamente e sigo seus movimentos. Ajo como se fosse uma cortina que se entrega à pressão de uma pedra. Nenhum alce encontra meios de lutar comigo, mas esse de hoje não tem paralelo.

Não se submeteu à minha força espiritual e não foi por ela tentado. Era uma misteriosa criatura, como nunca vi em minha vida.

O velho lobo respondeu:

— Essa força espiritual relaxada e conciliatória está em desarmonia com as energias descendentes e ascendentes da natureza. É uma fantasia do seu mental. Quando você tenta lidar com a vida dessa maneira — no caso agarrar o cervo — este capta os sinais que passam por sua mente, emoção e corpo e consegue driblar o ataque. Um relaxamento artificial, provocado, produz uma certa perturbação e obstrução, que interferem com sua percepção e agilidade. Como consequência, impede a natureza de prosseguir seu curso original e espontâneo. Quando você se desgruda de seus pensamentos e elucubrações, ela tem condições de mostrar sua maneira misteriosa de conseguir as coisas. Agirá por si mesma e não existirão brechas por onde você possa ser pego. É um estado de total impecabilidade. Não haverá inimigos e a própria vida se entregará voluntariamente a você. Não vou, entretanto, chegar ao ponto de dizer que toda a disciplina que cada um de vocês acumulou até aqui não serve para nada. Apesar de tudo, a força do Alto se expressa através de qualquer veículo. Quando se encontra com a força ascendente que vem das profundezas, tendo você como intermediário, a ação torna-se perfeita e justa. Aí sim, surge a verdadeira e natural descontração e a oposição é abarcada pela amplidão interior. Há, entretanto, uma consideração essencial que, quando negligenciada, põe tudo a perder: não mantenha nem mesmo um átimo de preocupação em seu mental. Caso contrário, todos os seus atos se tornam planejados e vi-

ram truques e artimanhas incompatíveis com a livre circulação energética interior; a vida e as pessoas recusam-se a ceder à sua aproximação e se opõem. Esse misterioso cervo mostrou isso tentando atacá-los reativamente, pois agia como espelho de sua emanção. Quando se está vazio e silencioso no mental, age-se em unísono com a natureza. Mas, apesar de tudo o que disse, a manifestação da força do Alto está acima de qualquer limitação e esta nossa conversa, longe de conclusiva. Lembro-me de um lobo que passava todo o tempo meio dormindo, não demonstrando sinal algum de força espiritual animal, mais parecia uma estátua de carne e osso. Jamais fora visto caçando um alce, eram todos seus amigos e entregavam-se espontaneamente quando chegava sua hora. Visitei-o um dia e perguntei a razão disso. Não me respondeu. Repeti a questão três vezes, mas ele permaneceu silencioso. Não que não quisesse responder; é que, na verdade, ignorava a resposta. É por essa razão que os antigos praticantes da arte da caça afirmavam que “quem sabe não fala e quem fala não sabe”. Esses antigos, porém, entendiam apenas parte da questão: aquele velho lobo vivia em um estado de profunda lembrança de si; esquecido das coisas à sua volta, habitava o mais alto estado interno do *não fazer*. Compreendia a arte divina do caçador e não matava. Nós, entretanto, caçadores da nova geração, não nos conformamos com esse estado, embora tenhamos a missão de alcançá-lo e, a partir dele, transformar nosso mundo de atividade com suas pequenas e mesquinhas dificuldades. Queremos compreender o que fazemos e para isso necessitamos falar, refletir e comparar experiências. Não nos basta um céu particular, onde nada nos atinja. Estamos no ca-

minho da compreensão. Mas, ai de mim, sou apenas um lobo velho e, falando de assuntos humanos, corro o risco de ser mal interpretado. Se vocês me permitem dizer algo mais, lembrem-se de que a caça ao cervo é uma arte através da qual se pode compreender, em um momento crítico, a razão da vida e da morte e não apenas derrotar um oponente. A vida é precária, está sempre por um fio, que pode se romper a qualquer instante. Repito: desgrudem-se de seus pensamentos, fonte de seu egoísmo, e estarão livres das distrações e da necessidade de cálculos e deliberações. Sua Atenção estará livre, fluida, condescendente e em paz. A partir do vazio e do silêncio do mental, ela se torna serena e é capaz de responder livremente às mudanças de cada momento. Porém, quando nasce um pensamento ou desejo e vocês nele se grudam, surge um mundo de formas e o eu, o não eu e as contradições se sucedem indefinidamente. Enquanto essa oposição continua, a movimentação das energias descendentes e ascendentes fica restrita, bloqueada e impossibilitada de um curso livre. A Atenção, já impelida para a escuridão da morte, perde seu misterioso esplendor natural. Como podem vocês, nesse estado, jogar seu destino contra um alce? Mesmo que vençam, a vitória será decididamente contra o espírito da caça.

Após ter ouvido atentamente, o lobo castanho projetou-se e perguntou:

— Que significa *não fazer*?

— *Não fazer* não significa uma ausência de movimentação energética em que prevalece o nada vazio. Por natureza, a Atenção é sem forma e nada deve fixar-se nela. Quando algo se fixa, seu brilho se desvanece, o equilíbrio se rompe e sua atividade natural se restrin-

ge, não fluindo como deveria. Quando se dirige para um determinado ponto, ocorre escassez em outro. Onde há excesso, transborda, e onde há falta, não há expansão. Num estado de *não fazer*, a Atenção é plena, nada abriga, não se inclina em direção alguma; não se gruda a nenhum movimento, pensamento ou desejo; o silêncio é absoluto; apenas sente e, quando age, flui através de todos os objetos e eventos do mundo; sujeito e objeto são transcendidos e pode-se lidar livremente com os acontecimentos. Quando tudo isso for compreendido em conexão com o dia-a-dia e com a arte da caça, você estará próximo da libertação final.

Escutei atentamente, emocionado, a sabedoria do velho lobo. Reconheci Mathetés por trás dessa expressão e ao mesmo tempo sentia-me passageiro em minha forma.

Ele olhou para mim, chamou-me de “malhado” e perguntou qual era minha questão. Saí-me com a seguinte:

— Que significa *sujeito e objeto são transcendidos*?

— O ego gera o inimigo. Quando não há ego, não há inimigo. Inimigo significa oposição, como céu de terra e fogo de água. Quando você não se prende aos pensamentos que circulam por sua mente e seu mental está silencioso, os conflitos de oposição não se formam. Você não está tentando ser melhor que o outro, não está comparando. Está usufruindo de um estado de absoluto não fazer, de passividade ativa, em harmonia com o mundo, uno com ele. O inimigo, ou simplesmente o outro, deixa de sê-lo, pois intrinsecamente não o é. Passa a ser apenas mais uma movimentação ener-

gética dentro do seu campo de Atenção. Você está vazio dos pensamentos que correm por sua mente e agirá apenas quando necessário, sem gasto extra de energia. No estado de *não fazer*, o mundo e você são uma coisa só; o certo e errado, gosto e não gosto ficam num plano menor e não o incomodam mais do que uma célula que morre para ceder lugar a outra. O Universo não deve ser procurado fora, pois você é uma réplica miniaturizada dele. Um antigo poeta cantava: “Quando há uma partícula de pó em seu olho, o mundo se torna um passo estreito. Tenha sua Atenção livre de objetos e quanto esta vida se expandirá!”. Um pequeno grão de areia nos impede de manter o olho aberto. O olho pode ser comparado à Atenção. Quando um objeto se gruda nela, sua virtude se perde. Seu corpo, sua história de vida e seu ego podem ser esmagados, mas contra sua Atenção nem mesmo um exército tem poder. É sua a responsabilidade pela perda do brilho, pois quando isso sucede, você entra no reino da confusão e da morte e o inimigo passa a habitar seu interior.

Isso é tudo que posso dizer aqui, pois a tarefa do instrutor não vai além de transmitir o ensinamento e ilustrar sua razão. O instrutor é a própria encarnação do ensinamento. A verdade é atingida pelo aplicado trabalho de cada um, através de uma prática regular, e transmitida pelo convívio mestre-discípulo. A compreensão é a chave de tudo. O ensinamento aponta o que existe dentro de você e dá as coordenadas para a busca. Tudo é exposto na medida de sua compreensão do momento. Ensinar é uma arte difícil e escutar, mais difícil ainda. Porém, a dificuldade maior consiste em despertar do mundo de sonhos no qual você vive imerso e tornar-se consciente do que existe fora e dentro de si.

Ao término de sua longa exposição, o mestre lobo calou-se. Um profundo silêncio atravessou todos os participantes e podia-se ouvir aquilo que normalmente não é ouvido. A mesma luz dourada que havia se fundido com o velho lobo no seu encontro com o alce, descia agora sobre nós e cada um dos cinco a recebia de acordo com sua compreensão. Uma coisa, entretanto, era comum a todos: a partir desse momento, nós, lobos vorazes, nos transformáramos definitivamente em caçadores divinos.

Gotas frias caíam sobre minha cabeça e começavam a escorrer-me pelo corpo. Abri os olhos e olhei para cima. A silhueta de Mathetés surgia imponente na borda do poço, iluminada pelo lusco-fusco da aurora. De uma pequena vasilha, aspergia água sobre mim. Sorriu e convidou-me a subir. Sentia-me pleno, livre, minha vida e minha morte me pertenciam.

Quando cheguei em cima, comentou:

— Não é necessário falar, sei tudo o que se passou. Você sabe, eu estava lá. — E acrescentou: — O poço foi muito generoso com você, contou-lhe coisas que raramente um buscador merece ouvir. Tive que dar muito mais duro para ouvir metade do que você ouviu. — E com uma pitada de humor adicionou: — O poço foi tão prolixo, que parece que havia por lá o espírito de um velho chinês*, recontando uma antiga história e fazendo-o vivê-la.

* Uma experiência semelhante vivida pelo autor no "poço de esvaziamento" deu origem, na tradição taoísta, a um relato que no século XVII, no Japão, transformou-se em um conto destinado aos samurais.

Passou através do portão e fez sinal para que eu fizesse o mesmo. Cruzei-o em silêncio, desta vez, sem o menor problema.

Via-se, uns 200 metros mais abaixo, as construções principais da chácara.

Começava agora para mim um outro nível de trabalho.

Posfácio

UM BREVE PEDAÇO DE HISTÓRIA E SEMÂNTICA

*N*ão poderia finalizar este livro sem mencionar um fato curioso e instrutivo. Várias vezes, perguntei a Mathetés por que havia escolhido o Brasil como local de residência. Essa questão tinha razão de ser, pois ele conhece como a palma da mão diversos países, fala várias línguas e entende a psique humana tão bem, que se sente em casa em qualquer terra distante — é um homem do mundo. Por que então fixar-se neste país, se talvez as condições de transmissão de seu ensinamento fossem melhores em outro? A cada vez recebi respostas diferentes e interessantes. Uma delas, entretanto, tocou-me em particular:

— O nome deste país foi fundamental na minha escolha, pois o nome com frequência define o objeto. O Brasil, apesar de suas contradições causadas entre outros fatores pela geografia e pela índole do povo predominantemente físico-emotiva, tem um nome de grande força.

— A partir de 1500, nossos descobridores, influenciados pela então ativíssima tradição católico-cristã, batizaram-nos inicialmente com o nome de Vera Cruz, logo depois mudado para Santa Cruz. Não satisfeitos, e após muito pensar e sentir, encontraram um terceiro nome, mais poderoso ainda: Brasil. Hábeis, conseguiram escamotear sua origem inspirada. Para a

maioria, não tem nenhum significado especial e foi tirado da árvore Pau-brasil, encontrada em abundância na época. Para um Homem de Atenção, entretanto, ele é fundamental e deve ter se originado de duas vertentes que se unem em significado: a primeira é a palavra *YGGDRASIL*, denominação da árvore do mundo ou da vida na cosmogonia escandinava. Essa árvore, sempre verde e fresca, é regada diariamente pelas Nornas, as três irmãs fatais, que representam o Presente, o Passado e o Futuro. A água utilizada para regá-la provém da fonte Urd, localizada abaixo dela. No centro do paraíso, havia uma árvore semelhante de onde, diz a lenda, saíram a cruz do Cristo e anteriormente a arca de Noé. Por estar no centro do paraíso, representa o Princípio, o eixo imóvel em torno do qual tudo gira e se manifesta — bom augúrio para este imenso país.

— A segunda vertente confirma a primeira. Utilizou-se a palavra inicial do Gênese, *BRASHITH*, que em hebraico significa *NO PRINCÍPIO*. Se dividirmos a palavra em duas partes, teremos *BRA* igual a criou, e *SHITH* igual a seis: o princípio criou o Universo, unindo a trindade descendente à ascendente, formando o hexagrama criador, por alguns denominado de Selo de Salomão.

— Todo esse cuidado com a escolha do nome passou uma qualidade para o sujeito nomeado. Apesar de sermos Terceiro Mundo no atual e discutível conceito sócio-econômico, temos um bom sopro inicial, nosso nome de batismo é nobre. Ademais, por trás da fachada “peu serieux” de nosso povo, há uma pureza essencial que se conserva intacta, não poluída. Isso é básico para um desenvolvimento interior.

Ao final de sua exposição, perguntei por que essas versões não eram conhecidas e se podiam ser consideradas corretas.

— Como já disse inúmeras vezes, a história interior sabe de coisas com as quais a oficial nem sonha. Quanto à veracidade das versões... “Se non é vero é ben trovato”. — Fez uma pequena pausa e rindo completou — Na pior das hipóteses, contêm mais mistério e provocações do que se acreditarmos descender de um simples pau sem nenhum significado.

As atividades de ensino-aprendizagem são planejadas de acordo com o currículo e o plano de ensino, visando a formação integral do aluno, considerando os aspectos cognitivo, afetivo e físico.

— O ensino é desenvolvido de acordo com o plano de ensino, visando a formação integral do aluno, considerando os aspectos cognitivo, afetivo e físico. O ensino é desenvolvido de acordo com o plano de ensino, visando a formação integral do aluno, considerando os aspectos cognitivo, afetivo e físico.

DBA Artes Gráficas Ltda.

Imprimiu este livro no outono de 1991.

— A segunda edição deste livro foi publicada em 1991, com algumas alterações e atualizações. O conteúdo foi atualizado de acordo com as mudanças ocorridas no ensino de Arte e no mercado de trabalho. O livro é destinado aos alunos do ensino médio e aos interessados em aprender a trabalhar com arte gráfica.

— Este livro foi publicado em 1991, com algumas alterações e atualizações. O conteúdo foi atualizado de acordo com as mudanças ocorridas no ensino de Arte e no mercado de trabalho. O livro é destinado aos alunos do ensino médio e aos interessados em aprender a trabalhar com arte gráfica.

com as exigências e necessidades do momento''.

Não se pode enquadrá-lo em um contexto histórico, pois ele não se deixa aprisionar por conceitos e informações sobre sua pessoa. O que lhe importa é a Verdade do ensinamento transmitido e a prática para a sua compreensão.

A relação instrutor-discípulo, ensinamento-prática é o tema fundamental deste livro, em que a aventura interior e sua magia se revelam em sete capítulos. O autor nos mostra que quando se mergulha nessa aventura, o tédio se vai, a auto-importância desaparece e nossos problemas existenciais tendem a se resolver equilibradamente.



A Verdade é atingida pelo aplicado trabalho de cada um, através de uma prática regular, e transmitida pelo convívio mestre-discípulo. A compreensão é a chave de tudo. O ensinamento aponta o que existe dentro de você e dá as coordenadas para a busca. Tudo é exposto na medida de sua compreensão do momento. Ensinar é uma arte difícil e escutar, mais difícil ainda. Porém, a dificuldade maior consiste em despertar do mundo de sonhos no qual você vive imerso e tornar-se consciente do que existe fora e dentro de si.

Mathetés Gurco

